

DUAS PAGINAS DE UM  
LIVRO

**DUAS PAGINAS DE UM LIVRO.**

DUAS PAGINAS  
DE UM LIVRO

---

COMEDIA EM TRES ACTOS

ORIGINAL

DE

XISTO DE PAULA BAHIA.

MARANHÃO.

---

1872.

817

À MINHA MULHER.

Não encontro phrases bastante expressivas para dizer-te o praser que sinto dedicando-te este meu primeiro trabalho. Se nelle ha algum merecimento, mais do que a mim, a ti pertence, pois só animado pela felicidade que me fazes gozar poderia eu conceber e levar ao cabo esta empreza. Aceita-o.

Xisto.

## PERSONAGENS.

O COMMENDADOR.....	55	annos
O BARÃO DE BIRIBÁ.....	50	»
LEANDRO.....	28	»
EDUARDO.....	20	»
BELMIRO.....	16	»
O DR. ISMAEL.....	40	»
MARIA.....	18	»
JULIA.....	25	»
D. CARLOTA.....		
UM CRIADO.....		

A acção passa-se no Rio de Janeiro.

ACTUALIDADE.

## ACTO 1.<sup>o</sup>

Jardim com grade ao fundo, dando para uma montanha.—A E. B. a fachada de uma casa de campo.—Na A. um pavilhão com uma grande janella gothica e uma escada de seis degraus, tudo de bom gosto.—A D. A. uma rêde de pennis está armada em duas das arvores que formam o bosque.—Na B. sofas de ferro, cadeiras, mezas pequenas, &c. É dia: vê-se o interior do pavilhão.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

EDUARDO, JULIA, MARIA E O COMMENDADOR. Maria embala-se na rêde. Julia, sentada em uma cadeira, faz uma capella de boninas. Eduardo desenha sobre a montanha sentado em um tamborete e debaixo de um chapéo de sol que está amarrado a uma vara. O commendador dentro do pavilhão lê um jornal. Primeiro passaem como attrahido pela leitura e depois senta-se à janella.

MARIA, *ouve-se dar' oito horas.*

Já oito horas! Que linda manhã?

JULIA, *indicando Eduardo.*

É ainda mais bonita pelos bons madrugadores que ella nos deu.

MARIA,

Já reparaste?

JULIA,

Primeiro que tu, e no entanto nada é commigo.

MARIA.

Maliciosa!...

JULIA.

Nunca vi pontualidade mais britânica!...

MARIA.

Por que dizes isso?

JULIA.

Disseste-me hontem que hoje ás oito horas elle devia se achar alli. Pois bem: ainda não eram sete horas e meia e já o teu Rafael lá se installava como um bom apreciador da natureza.

MARIA, *sahindo da rede.*

E reprovás isso?

JULIA.

°Pelo contrario, louvo. Se o emprazasses para as seis, então é que com certeza vinha apanhar a *natureza em flagrante (Ri)*.

MARIA.

Vê se meu pai já desceu?

JULIA, *voltando-se na cadeira*

Lá está elle absorvido na pagina dos annuncios, ou na dos cambios e metaes.

MARIA.

Será crível que ainda hoje não possa fallar a Eduardo?

JULIA.

Estás no supplicio de Tantaló!

MARIA.

Não escarneças ! . . .

JULIA.

Que martyrio! E o grande caso é que a teu joven pintor n'aquella posição, nada distrahe. Estará com effeito desenhando? Que attitude respeitosa! (*Tem-se levantado e contempla-o.*)

MARIA. *imita-a.*

É Salvador Roza desenhando a cabana do Salteador.

JULIA. *coltando-se.*

Bravo! gostei da comparação ! . . .

MARIA.

É para veres ! . . .

JULIA.

Na posição parece-se mais com o nosso exercito no

*Passo da Patria.* Quando seremos o *Itapirê* daquelle encouraçado ?

MARIA.

Quando apresentar-se-lhe uma boa occasião. Bem sabes que um artista não é com facilidade admittido n'uma casa aristocratica.

JULIA.

Desgraçadamente isto é uma grande verdade !

MARIA.

Porém esse mesmo respeito, esse silencio que a meu respeito guarda, é a prova mais evidente de seu amor.

JULIA.

Sem duvida. É artista, e basta. Dizem os poetas que são esses, os tímidos, os ingenuos. Dize-me uma cousa: ainda não foi apresentado a teu pai ?

MARIA.

E quem o apresentaria ? De mais a mais deprehen-do das suas cartas o elevado orgulho que tem em ser artista, pobre, e orphão de pai e mãe. Falla-me do amor que me tem como se fallasse no amor dos an-

jos para com Deus. Pinta-me tão bem o seu caracter modesto e susceptível ao mesmo tempo, que receio offendel-o com a minima observação que lhe faça á cerca da nossa terrível situação. Espera um dia poder vencer esta difficuldade social, esta estúpida desigualdade. Mas, por ora, resigna-se, e ama-me no maior silencio.

JULIA.

Amor de poeta, amor dos anjos.

MARIA.

Amor de poeta, dizes; amor santo, devias dizer tambem. E no entanto suffocamos com mãos de ferro esse amor casto, puro, com receio do desprezo geral...

JULIA.

Geral, não.

MARIA.

Geral, sim! Porque a alta sociedade julga degradada a mulher por um tal amor, ao mesmo tempo que a baixa insulta o homem por que julga-o vendido ao nosso dinheiro.

JULIA.

Distingue ao menos as excepções.

MARIA.

São tão poucas que nem se apontão. Se porém o amor é de um grande, de um banqueiro, ou de um

especulador politico, que procura subir seja por que escada fôr, alardeia-se o amor por toda parte ! Prega-se cartaz de ostentação, com a vaidade propria d'aquelles que já temos visto fazel-o com a maior desfatez ! Mas o artista ! Que importa que lhe sobejem os bons sentimentos ! Que importa que seja honrado, se para os nossos homens a honra não desconta letras !

JULIA.

Estás hoje muito exaltada.

MARIA

Por que tortura-me este pensamento. Luto nesta duvida horriyel, que me allucina; medito seriamente neste amor, primeiro para mim, e com certeza ultimo para o meu coração !..

JULIA.

Nestes casos resta-nos ainda um direito.

MARIA.

Qual ?

JULIA.

Protestarmos contra tudo, embora fiquemos paratias.

MARIA.

Tens razão. Quantas não soffreram o mesmo, para

hoje, coitadas, servirem de ludíbrio aos homens que não indagão o passado de todas, que riem-se julgando que jamais poderam despertar um sentimento terno, Mal sabem esses que assim praticão, que essas infelizes abrigaram um só amor no coração, uma só escolha no pensamento, e resignadas esperaram, como se a esperança fosse uma realidade.

JULIA.

Confesso que me estás fazendo inveja.

MARIA.

Oh ! tu és feliz, tens um genio excepcional. Tens um bom irmão que te não ha de contrariar na tua afeição. Foste educada n'um paiz livre, onde se tem liberdade de pensamento e liberdade de coração.

JULIA.

Tu já leste Laboulaye !

MARIA.

Nunca.

JULIA.

Pois esse maganão é que conta d'essas caraminholas !  
*Cá e lá más fadas há ! . .*

MARIA.

Comtudo, sempre é um paiz republicano !

JULIA.

Mãe ! não passemos da poesia á politica, porque não he nada mais estúpido e improprio para as pessoas do nosso sexo.

MARIA.

Tens razão.

JULIA.

Porém dize-me: se Edoardo for franco, se fallar a teu pai acerca desse amor ?

MARIA.

Meu pai !... Talvez o repellisse com escarneo.

JULIA.

Mas a razão ? Eu creio que o Commendador...

MARIA.

É commendador... não acceta uma alliança sem que traga outra commenda. Elle é, sem duvida, muito bom para mim, muito extremoso, mas tem desses prejuizos.

JULIA.

Isso agora é ser injusta de mais. Podes por ventura devassar o pensamento de teu pai ? Quantas vezes

nos enganamos! É muito possível que succeda tudo muito ao contrario do que julgas.

MARIA.

Seria um phenomeno esse que a nossa sociedade registraria com pasmo!

JULIA.

Embora, mas os phenomenos entrão na ordem das cousas possíveis.

MARIA.

Todavia este é impossivel. Eduardo jurou amar-me sem nunca por esse amor me fazer soffrer. Já vês...

JULIA.

Que não te pedirá em casamento para que uma recusa de teu pai não te dê um minuto de dôr?.

MARIA.

É verdade.

JULIA.

É espantosa semelhante abnegação!

MARIA, *indicando-o.*

Tu o vês alli? Não imaginas o que me custou para conseguil-o.

JULIA.

Tambem isso já é de mais. Pelo que vejo elle é um...

MARIA, tapando-lhe a bocca.

Julia ! . . não o accuses. Se tu soubesses como nasceu em nós este amor !

JULIA.

Já me revelaste todo o teu poema. É um amor evangélico; mas a nossa sociedade pouco conhece a Biblia.

MARIA.

Oh ! já é tempo de reagirmos contra essa prepotência, que nos esmaga; que nos entorpece a razão !

JULIA.

Reformemos, Mariquinha, reformemos os abusos !  
En arvore o estandarte republicano. Abaixo a tyrannia dos pais !

MARIA, muito assustada tapa-lhe a bocca,

Olha que elle pode ouvir ! . . .

JULIA.

Ora . . . tens ! . . . O poder absoluto impondo silen-

cio á livre manifestação do pensamento. Por consequencia; conservemos, Mariquinhas, conservemos as instituições.

MARIA.

Mas sempre será bom experimentarmos a sua opinião, empregando-se para isso os meios brandos.

JULIA.

Acho mais acertado.

COMMENDADOR, *da janella.*

D. Julia! Maria! Cheguem para cá.

JULIA, e *Maria subindo*

Para que, Commendador?

COMMENDADOR.

Para dar-lhes uma novidade. Vocês lembrão-se de um sujeito que fazia *peloticas* em nossa casa em Petropolis, quando lá estivemos passando o verão ha quatro annos?

MARIA.

Lembro-me perfeitamente. Que tem?

Está aqui na Córte, segundo se collige d'este an-

nuncio que eu lhes vou ler. — O alvato assignado, ultimamente chegado a esta capital, precisa fallar com o Sr. Eduardo Melrelles, que, segundo consta, achase nesta cidade exercendo a arte de pintor. O alvato assignado pode ser procurado no Hotel Brazil — qualquer hora do dia, & c. — *Leandro Gomes Nelson.*

JULIA.

É o mesmo.

MARIA, *aparte.*

E deseja fallar com Eduardo... o que será?

COMMENDADOR.

Não achão bom que o mapele convidar para esta noite.

JULIA.

Seria uma felicidade. Ella é tão espirituoso! *(Cá Maria.)* Cahiote a sopa no mel.

MARIA, *distrainadamente.*

Como?

JULIA.

Não se demore, Commendador, aproveite enquanto é cedo; hoje é domingo e é muito provavel que um viajante como o Sr. Nelson tea muitos convites.

COMMENDADOR.

No mesmo instante. . . *(Sai para o interior do pavilhão.)*

MARIA.

Que disseste tu tão baixinho que não ouvi bem?

JULIA.

Disse-te que era chegado o momento d'apresentação.

MARIA.

Porque formia?

JULIA.

Muito simples. O Sr. Nelsom, chega, falla-me, naturalmente, apesar de. . . Emfim fallaremos. Faço-o comprehender que conheço Eduardo, elle manda-o chamar e temo-lo conosco.

MARIA.

E como não ficarei contente?!

JULIA.

Até eu. Mas nota, minha Mariquinhas, que o pelotiqueiro vai apresentar o artista. Assim é bom. Temos sérias contas a ajustar.

MARIA.

De que ?

JULIA.

Já te não lembras que o Sr. magico fez-me uma declaração ?...

MARIA.

Agora me recordas. Por signal que o maltrataste tanto que nunca mais nos appareceu.

JULIA.

É verdade. Estava envolvido d'aquella infame intriga; mas era innocente.

MARIA.

E ainda lhe tens odio ?

JULIA.

Não. N'aquella occasião não sabia e nem pensava como sei e penso hoje. Então o pelotiqueiro era para mim um reptil social, e repelli a sua audaciosa declaração de amor como se repellisse o maior dos insultos. Hoje o pelotiqueiro é para mim um ente como qualquer outro. Os nossos politicos modificam suas opiniões de anno em anno. Em nós succede exactamente a mesma cousa em materia de amor.

MARIA.

Logo...

JULIA.

Serei outra Duqueza amando o saltimbanco das praças do Andres. Que queres? Depois que desprezei-o, comecei a amá-lo. É muito possível que hoje não se lembre mais de mim.

MARIA.

Duvido. O homem despeitado deve por força guardar resentimento. Demais, pôde muito bem ser que elle hoje não siga mais esse genero de vida.

JULIA.

Alegra-me essa esperança. Além disso, hoje em dia conta-se o que é, e não o que foi.

MARIA.

Segreda-me o coração que vou ser agora muito feliz.

JULIA.

E, na tua abstracção, não reparas em quem já se vae retirando.

MARIA.

*Ab ! (Eduardo, tendo acabado de desenhar, desce; e ao passar pelo portão, joga uma carta para a scena. Maria corre a apanhá-la. O Commendador apparece a este tempo, ella suspende-se e disfarça. Julio, tem ido para a rede e não vê esta scena. Eduardo tem sahido pela D. A).*

SCENA 2.<sup>a</sup>

AS MESMAS e o COMMENDADOR.

COMMENDADOR.

Quem é aquelle accerrimo pintor que todos os domingos vem para ali desenhar? Muito tem elle pintado, e eu não vejo por aqui o que tanto valha para o bom gosto de um desenhista. Quem é, sabem?

JULIA.

É um rapaz brasileiro, muito habil.

COMMENDADOR.

Brazileiro, concordo; habil, protesto.

JULIA.

Porque?

COMMENDADOR.

Ora o que é que pôde aprender um pintor no Brazil?

JULIA.

O que?... No Brazil aprende-se tudo, sr. Commendador. Uns aperfeiçãoam-se mais, outros menos. Ha, porem, acima de todas as praticas uma cousa que fecunda no America.

COMMENDADOR.

O que é... a preguiça ?

JULIA.

Não, o talento.

COMMENDADOR, *com ironia.*

Eu faço idéa !..

JULIA.

Está bom, Commendador, mudemos de assumpto

MARIA.

Não... não mudemos de assumpto. Quero ser eu quem affirme a meu pai que aquelle é um pintor de genio.

COMMENDADOR.

Ahi temos outra ! E como provas isso ?

MARIA.

Mostrando-lhe os seus trabalhos.

COMMENDADOR.

Quaes ?

MARIA.

Aquelles dois quadros que temos na sala de visitas na cidade.

COMMENDADOR.

Enão esses dois quadros que eu comprei na exposição. . .

MARIA.

São d'elle, sim, senhor.

COMMENDADOR.

Mas como pôdes affirmar ?

MARIA.

Pois se aquelle rapaz era o meu mestre de desenho no collegio !

COMMENDADOR.

Ah ! . . . agora me recordo ! . . . *(Aparte)*. E vem de-seular para aqui ? Começo a desconfiar ! . . . *(Alto)*. Pois bem, hei mandar chamal-o pera me tirar umas paisagens *(Julia e Maria acotocclaram-se muito satisfeitas de si. O Commendador percebe e diz aparte)*. Hum ! . . . é preciso hoje mesmo dar o golpe de estado. Experimentemo. *(Alto)* Agora quero dar-lhes mais uma noticia que deve agradar a ambas, visto como desejam-se mutuas felicidades.

JULIA, para Maria.

Estou lhe estruchando o estylo.

COMMENDADOR.

Pois como ia dizendo, recebi hontem uma carta em que se me falla a teu respeito, Maria.

MARIA, *estremecendo.*

Meus Deus !

JULIA, *a Maria.*

Dissimula o mais que for possivel. *(Alto)* E o que diz essa carta, Commendador ?

COMMENDADOR.

Diz-me cousas a respeito de . . . sim, falla-me de casamento.

MARIA.

Para mim ?—*(O Commendador diz com a cabeça que sim).* De quem ?

COMMENDADOR.

Do senhor Barão de Biribá.

JULIA.

O Barão tem algum filho ?

COMMENDADOR.

Não é para outro, é para elle.

MARIA.

Misericórdia !

JULIA.

Um vulto !

MARIA.

E o que pensa, meu pai ?

COMENDADOR.

Penso que é uma alliança honrosa, e desde já quero o teu sim.

MARIA, *à Julia.*

E agora, Julia ?

JULIA, *o mesmo.*

Dize-lhe que sim.

MARIA, *o mesmo.*

Julia não me compromettas.

JULIA, *o mesmo.*

Não, eu te salvarei. Dize que sim.

COMENDADOR, *que durante estes ápartes tem ido ao fundo e volta, diz:*

Então ! O que respondes ?

MARIA.

Pois bem, meu pai, eu... se for de sua absoluta vontade, eu... obedeco.

COMMENDADOR.

Vê lá !... se o Barão pedir-me uma resposta definitiva...

MARIA.

Diga-lhe que sim.

COMMENDADOR.

Dá-me um abraço.—*(Abraça-a)*.

JULIA, *comprimentando-a*.

Saudo a Exm.<sup>a</sup> senhora Baroneza de Biribá !

COMMENDADOR, *a parte*.

Está morrendo de inveja. *(Alto)* Não redicularise, D. Julia, é um título respeitavel.

JULIA.

É até euphonico. Biribá ! O que vem a ser biribá ?

COMMENDADOR.

É uma fructa do Pará.

MARIA, *a Julia.*

Vem, quero saber como me hasde tirar desse compromettimento.

JULIA.

Vamos !—(*Sabeu paca a pacilhão.*)

MARIA, *parando.*

Ah! a carta !...

JULIA, *parando tambem.*

Qual carta ?

MARIA.

Aquella.—(*Mostrando a carta que Eduardo joga para a scena.*)

JULIA.

É tua ?

MARIA.

É.

JULIA.

Vamos apanhal-a. (*Descem, o Commendador levanta-se e culla-se ao tempo que ellas vão se abaixar para apanhar a carta. Maria solta um grito abafado e foge.*)

*Julia seguiu-a. O Commendador disfarça como quem não vê.*

*COMMENDADOR, depois que ellas sahem.*

Olá, uma carta ! De quem será ? Vejamos.—*(Abre a carta)*. Sem assignatura !... *(Lê)* «Hoje quero falar-te, custe o que custar. Que não nos surpreenda o Commendador. Se soubesses o que tenho para dizer-te ?» Para quem será ? Qué tenho eu com elles ? *(depois de pensar)*. Ah ! achei a significação *(frisando as palavras seguintes)*: Que não nos surpreenda o Commendador. Isto é historia de namoro da tal senhora D. Julia, da minha sympathica republicana... Depois diga que é calumnia ! que detrahe-se a sua reputação, como ha quatro annos quando quiz passar por victima ! Pois heide surprehendel-os, heide ensinal-a a respeitar melhor a minha casa... e os boatos que correram a seu respeito ficarão patentes á luz do dia. De minha filha não podia ser semelhante cousa, de mais a mais annuindo ella, como tão francamente annuio, á proposta do casamento que acabo de fazer-lhe. Contudo será bom vigial-a para que não se deixe levar pelas theorias de sua amiga, que é invejosa, e pôde muito bem arredal-a do barão, para tomal-o para si. Esteve nos Estados-Unidos e não ha muito que fiar. *(Tira uns papeis do bolso, e cae-lhe um sem elle ver)*. Guardemos sempre este documento para mostrar a alguem que possa á vista delle dar-me esclarecimentos. *(Arranja os papeis e guarda-os no bolso)*.—*Sahe F. D.*

SCENA 3.<sup>a</sup>

JULIA, MARIA e logo depois o COMMENDADOR, D.  
CARLOTA e BELMIRO.

JULIA, *no pavilhão.*

Sahio. — *(Desce. Maria debruça-se no pavilhão e  
lê a carta).*

MARIA.

Lá está, apanha depressa antes que venha alguém.

JULIA, *depois de apanhar a carta, sobe.*

Creio que está aberta.

MARIA.

Seria elle ?

JULIA, *dando-lhe a carta.*

Talvez. — *(Vão para o interior).*

COMMENDADOR, *dentro.*

Ora bons olhos a vejão !.

D. CARLOTA, *dentro.*

Venha de lá esse abraço !.

BELMIMO, *dentro.*

Excellentissimo Sr. Commendador ! . . . (*Entrão ; o Commendador na frente, e D. Carlota e Belmiro mais atraz, assobiando a marcha do Orpheo nos infernos e fazendo uns passos de cancan*).

COMMENDADOR.

Entrem, entrem. Chegaram em boa occasião.

BELMIMO, *subindo um degrau do pavilhão.*

Meninas, aqui estou eu, aqui está o Belmirosinho !

MARIA, *dentro.*

Ah ! (*Belmiro corre espantado para a bocca da scena. O Commendador sobe para o pavilhão. D. Carlota, que ia sentar-se, levanta-se de um pulo.*)

COMMENDADOR.

Que foi ?

JULIA, *apparecendo á janella.*

Nada. Não foi nada, Commendador; foi um susto que o Sr. Belmiro nos fez.

D. CARLOTA.

Já este endiabrado chegou fazendo travessuras, (*Senta-se; o Commendador desce.*)

BELMIRO.

Eu ? ! . . .

COMMENDADOR.

Mas diga-me, D. Carlota, como foi de saude com este tempo ?

D. CARLOTA.

Cada vez mais achacada da minha macacôa, e meu neto cada vez mais tôlo.

BELMIRO.

Obrigado, vovô.

COMMENDADOR.

Ainda tem a mania de querer casar ?

D. CARLOTA.

E quando a' perderá ? Pensa este fedelho que *casar é casaca*.

COMMENDADOR.

Sabe quem vem hoje aqui ? O Barão de Biribá.

D. CARLOTA.

Deveras ? Melhor, estarei mais contente. Belmiro, meu filho, vá buscar um copo d'agua e chama essas meninas.

COMMENDADOR.

Será melhor subir.

D. CARLOTA.

Deus me livre! deixe-me gosar este fresquinho; apanhei muito sol e sua casa é muito quente. *(Tira um lenço e enxuga-se. Vendo Belmiro que ainda está parado).* Então qu'ê d'agua que mandei buscar?

BELMIRO.

Já vou, vovó *(Vai a sahir. Maria e Julia descem do pavilhão. Maria vem pallida).* Oh! D. Julia! D. Maricas!...

JULIA:

Adeus, meu desfructavel.

MARIA.

Ainda não se esqueceu de me chamar Maricas?

BELMIRO.

Nunca, isso nunca. Assim como de D. Julia, a quem eu sempre... *(Quer beijar-lhe a mão, Julia empurra-o e elle vem cahir sentado n'um degrau do pavilhão).*

COMMENDADOR, *que tem estado a conversar com D. Carlota.*

Que é isto?

BELMIRO, *levantando-se*

Não foi nada, não foi nada: era eu que...

D. CARLOTA, *levanta-se e abraça Maria e Julia.*

Tambem está cá a minha Julinha? Minhas pombinhas!  
Como vão vocês, meus anjos? O que foi que este palerma fez?

BELMIRO.

Não foi nada, vovó, já disse que não foi nada !..

D. CARLOTA.

Aposto que já foste fazer gymnastica?

BELMIRO.

É verdade, queria fazer gymnastica.

JULIA.

Ha quanto tempo não tínhamos noticias suas?

MARIA.

Quando chegou de Cabo-Frio?

D. CARLOTA.

Ha cinco dias. Vocês sabem que sempre tive medo

de bexigas. É molestia aquella que o menos que nos faz é pôr-nos feias para sempre. Ellas andavão alvoraçadas por lá, e assim não tive remedio senão vir passar os tres mezes de festa com vocês.

MARIA

E meu padrinho como está ?

D. CARLOTA.

Não anda lá muito bom, não. Uma centopeia mordeu... lá nelle, salvo seja... aqui (*indica o pulso*) e tem estado com uma inflammaçãozinha renitente, que nem com o Credo em eruz, que eu lhe rezei, com oleo da alampada de S. Benedicto, melhorou ainda.

MARIA.

Coitado do meu padrinho !

D. CARLOTA.

Não é cousa de maior. Socega. (*Vendo Belmiro falando com o Commendador*). Oh ! excommungado ! pois ainda ahi estás ? Vae buscar-me essa maldita agua ! (*Belmiro vae a sahir, põe-se a fazer passos de dança durante as seguintes fallas*). Julinha, meu bem, você logo hade tocar-me a walsa das «Punhaladas de amor.» Sim ?

JULIA.

Sim, D. Carlota.

D. CARLOTA.

E tu, minha Mariquinhas, cantarás a minha predilecta (*cantando*) «Arvoredo tu já viste».

BELMIRO, *cantando o 2.º verso.*

«A minha Jonia mimosa?»

D. CARLOTA.

Desgraçado! que é d'agua que eu te pedi? (*Todos riem—Belmiro sahe para o pavilhão*). Este meu neto é quem me tem posto velha... de raiva. Mas o que tens, minha Mariquinhas, que estás tão triste.

COMMENDADOR.

Não tem razão para isso. (*Maria olha-o e afasta-se*).

JULIA.

Quem sabe!...

COMMENDADOR, *muito desconfiado, á parte.*

Querem ver que já temos alguma novidade?!. (*Alto*). D. Carlota, quero dar-lhe uma boa noticia.

D. CARLOTA.

Venha ella; qual é?

COMMENDADOR.

É o casamento de Maria com...

D. CARLOTA, *tossindo*.

Esperre, esperre... (*grita desafinadamente*) Belmiro!...  
Belmiro!... Queira Deus que aquelle lórpa não achasse  
se conversa ou comida.

COMMENDADOR.

Conversa, não, comida, é possível.

D. CARLOTA.

Misericórdia ! Corra depressa e vá tiral-o da meza.  
Come como um alarve, e ainda não almoçamos, é  
muito goloso. Vá...vá, Commendador. (*O Commendador  
sabe para o pavilhão*)

MARIA, *sahindo com Julia*.

Que desgraça, minha Julia ?

JULIA.

Deus se ha de compadecer de ti.

D. CARLOTA, *voltando-se*.

Que é isto, meninas? Onde estão vocês? Que vejo!

Uma rede ! Saiba, sabe, minha joia! Que bello ! Deixa-me metter ali dentro (*deitasse na rede*). Isto é a melhor cousa que os inglezas inventaram.

JULIA, rindo.

Os inglezes não, os indigenas.

D. CARLOTA.

Tanto faz um como o outro são uma sucia de tralhas.

MARIA, *á parte*, afastando-se e vindo sentar-se a'um sofá.

Quem havia de suppor isto, meus Deus ! (*Chora*).

D. CARLOTA, gritando.

Belmiro ! Commendador ! Aquelles dois demónios estão apostados para fazerem-me morrer de sede: (*á Julia*). Enbala, meu bem, embala. (*Julia embala a rede*.) Assim. Oh ! que fresco saudavel ! Hoje passo o dia todo deitada nesta rede.

MARIA, *á parte*.

O ! meu Deus !

JULIA.

Logo aqui faz muito sol !

D. CARLOTA.

Não importa, sempre corre uma aragemzinha.

MARIA, indo a Julia e fallando baixo.

Então, Julia, o que me prometteste ?

JULIA, baixo á Maria.

Não te vexes: eu a farei sahir d'aqui, ainda que seja preciso cortar os cordões da rêde e quebrar-lhe o espinhaço.

MARIA.

Sempre és muito exagerada (*afasta-se*).

JULIA.

Deixa estar por minha conta (*continúa a embalar a rêde com mais força*).

D. CARLOTA.

Belmiro! Belmiro! (*Belmiro apparece com um copo na mão*). Ora, graças ás cabaças !..

#### SCENA 4.<sup>a</sup>

AS MESMAS e BELMIRO.

BELMIRO.

Aqui está ! Aqui está ! Eu não estava comendo,

não. *(Julia embala a rede D. Carlota quer tomar o copo. Belmiro avança e recua, conforme o movimento da rede; em uma das vezes, porém, espera, a rede bate-lhe em cheio sobre o braço e Belmiro deixa cahir o copo dentro da rede. D. Carlota grita furiosa).*

D. CARLOTA.

Os diabos te carreguem ! excommungado, bruto, ladrão de cavallo ! Dê-m-me um pau, que eu quero matar esta cousa ruim.

MARIA e JULIA.

Que foi ?

BELMIRO.

Foi a rede, vóvó. Para que vosmecê foi metter-se nesta sepultura aêria ?

D. CARLOTA.

Ainda em cima estás-me gourando. Espera que eu já te ensino ! Meninas, ajudem-me a sahir d'aqui que estou toda molhada. *(Riêm e ajudam a D. Carlota a sahir da rede).*

COMMENDADOR. *apparecendo no pavilhão.*

Que aconteceu .

D. CARLOTA.

Uma desgraça. Estou molhada ! . .

COMMENTADOR, *descendo para a scena.*

Levem D. Carlota para cima e dêem ordem para almoço, que são quasi nove horas.

D. CARLOTA.

Belmiro, marcha adiante ! Eu te ensinarrei, patife.

BELMIRO.

Sim, vovô, depois do almoço. Ouvio ? *(Sabem todas, excepto o Commendador).*

COMMENTADOR, *só.*

É preciso concluir o mais breve possível este casamento. Os escrupulos do Barão estão vencidos, visto que Maria está disposta a não contrariar a nossa vontade. Por consequencia evitemos qualquer contratempo que possa apparecer. *(Ouve-se rodar um carro).* Creio que ali vem o Barão ! *(Sobe ao fundo e olha para a D.)* Não... não é elle, é... Oh ! não me engano. O Sr. Leandro Nelsom !

### SCENA 5.<sup>a</sup>

O MESMO e LEANDRO, elegantemente vestido.

LEANDRO.

Já vejo que não fiz grande mudança, pois reconho-

ceu-me logo! (*Aperta a mão ao Commendador e desceu ambos*).

COMMENDADOR.

Com effeito, apesar de estar mais gordo.

LEANDRO.

Consequencias do Rio da Prata. Uns emmagreceram com as febres, e má-mança de costumes, e eu engordei e gosei sempre saúde (*Senta-se*).

COMMENDADOR.

E quanto tempo esteve por lá ?

LEANDRO.

Tres annos e mezes.

COMMENDADOR.

Dando espectaculos, já se vê...

LEANDRO.

Nada, meu amigo, já não sou mais *pelotiqueiro*.

COMMENDADOR.

Ah ! como voluntario da patria ?

LEANDRO.

Tambem não.

COMMENDADOR.

Então não posso advinhar.

LEANDRO.

Póde, pois não. Por ventura só como voluntario da patria é que se ia para o *rio da prata*.

COMMENDADOR.

Bem, no Rio da Prata ha muitos lugares de se estar. Mas eu refiro-me ao Paraguay.

LEANDRO.

Pois, sim, no Paraguay. Pois para onde ião os voluntarios ? Eu servi ao exercito, servindo ao Brazil em geral e a mim em particular.

COMMENDADOR.

Não comprehendo.

LEANDRO.

Nesse caso, sou eu que estranho em V. Exc. a falta de penetração, o que não tinha ha quatro annos !

COMMENDADOR.

Ah ! meu amigo, a mudança de um dia, é a mudança de muita cousa. O Sr. bem sabe que a memo-

ria de quem tem cincoenta e cinco annos não é a mesma dos vinte oito.

LEANDRO, *levantando-se.*

Pois, meu caro Commendador, saiba que estive no Paraguay durante toda a guerra, «mas no exercito commercial. . .»

COMMENDADOR, *levanta-se.*

Agora entendo. Fez fortuna ?

LEANDRO.

Pouca. Não ganhei como outros, que forneceram: mas, enfim, ganhei com que viver, sem mais ser preciso empalmar.

COMMENDADOR.

Dou-lhe os meus parabens. Aquillo por lá havia de render: heim ?

LEANDRO.

Podia não render tanto, se a honra regulasse todos os negocios: mas infelizmente forão suspensas certas garantias, e cada um foi enterrando seu pai como poude. . . (*Faz um gesto de roubar.*)

COMMENDADOR.

Mas eu creio que o Sr. . . não. . .

LEANDRO.

Essa é boa?... e porque?... Se é este o systema empregado como o melhor e mais vantajoso? Se aquelles que já têm com que gôsar a vida independentemente ainda o fazem! Porque razão não hão de fazer os outros que precisam?

COMMENDADOR.

Pelo amor de Deus! Isso não é, nem pôde servir de regra. Então porque vemos no mau procedimento de uns uma fortuna inqualificavel, devemos seguir-lhes as pisadas para o mesmo resultado? Não. Sigamos a estrada do bem; é mais custosa, porém conseguem-se maiores triumphos, porque fica-nos a consciencia livre de remorsos.

LEANDRO.

Consciencia!... palavra comprida e elastica de mais para nós.

COMMENDADOR.

Porque?

LEANDRO.

Por que a parabolâ da adultera só tem hoje boa applicação aos especuladores. Quem na compra e na venda, se anima a arremessar a pedra em outro de consciencia limpa?

COMMENDADOR.

Conheço muita gente com o direito de o fazer.

LEANDRO, *irónico.*

É mais feliz do que eu, que só conheço um homem de consciencia limpa.

COMMENDADOR.

Quem é ?

LEANDRO, *dando uma gargalhada.*

V. Exc.

COMMENDADOR, *resentido.*

Sr. Leandro !

LEANDRO.

Perdão, eu não admitto consciencia e dignidade em certos arranjos. Já tiveram o seu imperio ! Hoje é isso que contrabando como outro qualquer, que subtrahimos de vistas da alfandega por onde passa. A consciencia, em nós outros, regula com a consciencia do deputado feito pelo molde ministerial, á capricho e interesse da occasião.

COMMENDADOR.

O Sr. está desarrazoado.

LEANDRO.

Oxalá que o estivesse. O Commendador não me tomaria tão de prompto o pão á unha como se costumava dizer.

COMMENDADOR.

Que diz ?

LEANDRO,

Digo, meu caro Commendador, que somos amigos, e que sei guardar um segredo. Mais tarde tenho muito que lhe dizer. Note porém que existem homens que são condemnados como extravagantes, homens, cuja apparencia má obriga os pais de familia a fecharem-lhe suas portas com receios infundados. Ao passo que ha outros, hypocritas, falsarios e ladrões, que gosão de todas as garantias, todas as considerações, só por que são ricos, ou fazem-se passar por tal.

COMMENDADOR, *á parte.*

Este homem assusta-me. (*Alto*). Sr. Leandro, acceaso offendi-o alguma vez ?

LEANDRO.

V. Exc. ? Nunca.

COMMENDADOR.

No entanto parece que o Sr. dirige-me todos esses epygrammas que até aqui tem feito. Não sei que relação possa ter commigo o seu arrazoado ? O Sr. nutre por força contra mim alguma prevenção.

LEANDRO.

Está enganado. Se exaltei-me, foi só por estranhar em meu mestre de ha quatro annos theorias oppostas ás suas mesmas lições.

NO

COMMENDADOR.

As minhas lições ? !..

LEANDRO.

Mudemos de conversa, Commendador: vejo que é muito esquecido, e eu muito precipitado em dizer verdades.

COMMENDADOR.

Porém sempre é preciso que saiba...

LEANDRO.

Repare que ahí vem sua filha, e mais outra senhora.

### SCENA 6.<sup>a</sup>

OS MESMOS, MARIA e JULIA.

MARIA.

Meu pai, são horas, o almoço está na meza. *(Vendo Leandro)*. Ah ! o Sr. Leandro...

LEANDRO.

Um criado de V. Exc. *(Vendo Julia)*. Minha senhora !...

MARIA.

Então, Julia, já não conheces o Sr. Leandro ?

JULIA.

Eu... ora essa? Pois não o havia de conhecer?  
Como tem passado, Sr. Leandro? (*Estendendo-lhe a  
mão*).

LEANDRO, *apertando-lhe a mão*.

Bem, minha senhora; e V. Exc. sempre alegre, sempre feliz?

JULIA, *passa e diz baixo*

Tenho muito que lhe dizer.

COMMENDADOR, *á parte*.

Este homem sabe alguma cousa, será bom prevenir-me contra elle. (*Alto*). Vamos almoçar. Sr. Nelsom tenha a bondade de subir.

LEANDRO.

Desculpe-me, Commendador; já almocei, e, segundo os antigos habitos, eu não faço cerimonia em sua casa. Sou ainda o pelotiqueiro de outro tempo. (*Diz isto olhando para Julia que abaixa os olhos*).

COMMENDADOR.

Como quizer. Não vem, D. Julia?

JULIA.

Mais tarde. Quero fallar ao Sr. Leandro. Já vou.

LEANDRO, *à parte.*

Que será ?

COMMENDADOR, *idem subindo.*

Isto cada vez complica-se mais.

MARIA, *apertando a mão a Leandro.*

Sr. Leandro. (*Sahe com o Commendador.*)

SCENA 7.<sup>a</sup>

LEANDRO e JULIA.

LEANDRO, *curvando-se diante de Julia.*

Minha senhora. . . consinta que um homem arrependido de uma offensa que fez, curve-se na esperança do perdão.

JULIA, *erguendo-o.*

Como perdoarei a quem não me offendeu ?

LEANDRO.

Offendia-a, e essa offensa foi retribuida com outra igual! Porém a mulher que havia sido tão infamemente calumniada tinha direito de julgar-me como julgava os outros.

JULIA, *supplicando.*

Senhor !

LEANDRO.

Perdoe se lhe recordo um passado angustioso para nós ambos. Chamou-me pelotiqueiro ! Tinha razão, eu deveria lembrar-me antes de tudo de minha triste posição. Hoje porém está tudo acabado, e posso dizer sem córar que nunca fui um assassino, nunca fui um ladrão.

JULIA.

Oh ! mas eu nunca insultei-o assim !

LEANDRO.

Não, não é por V. Exc. que digo isto.

JULIA.

Chamei-o pelotiqueiro, é verdade. Mas sabe porque ? Não foi por julgal-o indigno do meu amor; mas sim, por ter o Sr. pertencido, por um momento, áquelles que tanto me calumniavão.

LEANDRO.

Ah ! e nunca lhe disserão que somente eu a defendia, minha senhora ?

JULIA.

Disserão . . . porém foi tarde. O Sr. partio e somente agora posso dizer-lhe: Eu . . . eu . . . peço-lhe também perdão da minha offensa.

LEANDRO, *cahindo-lhe aos pés.*

Ah ! D. Julia ! Quer que eu morra de alegria ?

JULIA.

Não, quero que viva para proteger aquelles que esperão do Sr. a salvação.

LEANDRO.

E o que eu não farei, ordenando-me V. Exc. !...

JULIA.

sim, quero que seja meu alliado.

LEANDRO.

Agora, D. Julia, peço-lhe um favor.

JULIA.

Diga.

LEANDRO.

Disse-lhe ha pouco que nunca fui ladrão, e não obstante subtrahi um objecto sem licença de seu dono.

No codigo criminal isso tem uma significação que eu não me recordo, porém nas leis da *escamotagem* chamamos simplesmente esquecimento. E como fosse esse o primeiro e o ultimo que pratiquei, quero restitui-lo a seu dono, para que em tudo comprove o meu dito:—nunca fui um ladrão—.

JULIA.

Concedo o favor, fazendo-me outro.

LEANDRO.

Prometto. Qual é ?

JULIA.

Não... diga primeiro o seu.

LEANDRO.

Está bem; dou-lhe a minha palavra de honra que lh'o direi mais tarde.

JULIA.

Quando ?

LEANDRO.

Um dia.

JULIA.

Infelizmente o meu é já, e em poucas palavras. O Sr. procura Eduardo Meirelles ?

LEANDRO, *admirado*.

Sim, minha senhora, conhece-o ! Onde está ?

JULIA.

Perto d'aquí. Mande-o chamar em seu nome, peça licença ao Commendador e apresente-o. É muito necessario que elle aqui venha hoje. Eu me encárrego de remetter-lhe o seu bilhete.

LEANDRO, *tira da carteira um bilhete de visita e escreve com o lapis.*

Eis aqui, minha senhora. Feche n'um *enveloppe* e mande-o.

JULIA.

Oh ! como lhe serei eternamente agradecida !...  
(*Aperta a mão de Leandro, sobe ao pavilhão lança-lhe um olhar e some-se para o interior.*)

LEANDRO, *só.*

Sempre bella ! É a mesma mulher ainda ! Amo-a como se ama no primeiro amor. Será possível que seja esse Eduardo mais feliz do que eu ? Como sou desgraçado ! E o seu retrato ! Heide entregal-o tambem ? (*Abre uma cassoleta que traz pendente do relógio e beija-o.*) Não !... Será minha ao menos assim. Que importa ser rico, ser honrado ! Que importa ser tudo que é possível julgar de bom no homem, se a mulher que se ama, louca e desesperadamente já olhou-nos e fugio contrariada de nos ver. Ah ! é a Eduardo para quem ella pede a minha protecção ? É á elle a quem ella ama ? Não importa, cumpra-se o sacrificio. Gabino Rivera... farei tudo por ti filho, até o impossivel. (*Depois de meditar.*) Mas agora me lembro que ainda me falta saber se...

## SCENA 8.

LEANDRO e o BARÃO, que apparece montado n'um burro, apeia-se e amarra o burro na grade do fundo.

BARÃO, *logo que apparece.*

Mais burro é quem monta em burro !

LEANDRO.

Oh ! meu estimadissimo Barão ! Pensava agora mesmo na sua sympathica pessoa. Como se explica isto ?

BARÃO, *descendo.*

Isto explica-se mui facilmente. O Sr. não é magico ? Attrahio-me com a sua varinha de condão.

LEANDRO.

Vamos fazer uma aposta, Barão ?

BARÃO.

Vamos. Á que respeito ?

LEANDRO.

Em como não diz outra cousa de tanto espirito durante este anno.

BARÃO.

Como está o Sr. enganado ! Ha certo tempo para cá tenho estado tão aguçado que nem o defunto Prospe-

ro da Marmota me ganha. Ao menor dito, me se me-  
lança, acudo com uma presteza prodigiosa e sempre  
com as melhores lembranças.

LEANDRO.

Faço idéa.

BARÃO.

Olhe, eu com a minha vida commercial, deixei sem-  
pre *de banda* os livros instructivos para só me occu-  
par com o Razão e o Caixa. Nestes nada mais apren-  
di do que a sommar, e...

LEANDRO.

E guardar.

BARÃO.

E guardar, sim, senhor. Pois como eu ia dizendo  
Depois de conseguir uma fortuna soffrível, quebraram  
os banqueiros e eu quasi que fico na *pindahiba*, como  
diz o meu caixeiro. Mal me arranjo e consigo um pe-  
culiesinho, záz! fazem-me Barão—que aqui para nós  
—foi-me um peccado; mas, enfim, sou alguma coisa.

LEANDRO.

Porque chama então peccado?

BARÃO.

Porque, além de dar uns pretos velhos para vo-  
luntarios da patria, cahi na ébia de offerecer dinheiro  
para a guerra, quando só pelos pretinhos eu podia lo-

go estar arranjado. Ah ! Custou-me bem a gastar esse dinheiro.

LEANDRO.

E lá se foi toda a sua fortunasinha.

BARÃO.

Não, isso não. O cambio sempre deixou-nos alguma coisa.

LEANDRO.

Eu logo vi.

BARÃO.

Ah ! meu amigo, que mina ! A guerra foi má para o Brazil, porém devia ainda durar mais.

LEANDRO.

Que desejo selvagem !

BARÃO.

Qual selvagem ! A guerra, se continuasse, limpava-nos a sociedade com os alistamentos, e ião ficando só os barões, commendadores, emfim a melhor gente. Até para o Sr. e os *comicos* isso seria bom, por que somos os que sabemos pagar melhor os seus beneficios. Mas, voltando a vacca fria, isto é, ao meu titulo. Custou-me caro, mas é bom. Disseram ahi que foi um imposto á vaidade, mas qual, nem por isso. Ah ! se todos os impostos geraes e provinciaes fossem assim seriamos muito felizes.

LEANDRO.

Mas não me dirá, Barão, onde limou o seu espirito? Ia-me dizendo, e fugio-me com a historia do seu titulo:

BARÃO.

Ah ! sim. Eu deixei os livros de commercio; e, uma vez sendo barão, tive de estudar alguma coisa, para dizer nas reuniões aristocraticas, nos bailes & &.

Que fiz? Comprei um livrinho muito afamado, em casa do Laemmert: chamado... chamado...

LEANDRO.

Chamado...

BARÃO.

Ora não querem vêr o diabo? Esqueci-me o nome do livro!..

LEANDRO.

Estuda, e não sabe o nome do livro em que estuda! Esta só de barão.

BARÃO.

Ora, morreu o Neves!.. Não faltava mais nada do que um barão occupar-se com essas ninharias!.. Leio do meio para o fim, é quanto basta.

LEANDRO, rindo.

Faz muito bem, e para que tanto!.. *(sobe e olha*

*para a—D.)* Oh! será elle? Observemos primeiro. (*Alto ao Barão*) Barão, vá fallar com o Commendador, preparem o *voltarete* que eu já vou. Tenho de tratar com uma pessoa aqui em particular.

BARÃO.

Tem razão, aqui está fazendo calor. (*Sobe e ao entrar no pavilhão volta-se e chama Leandro com um psiu.*) Ah!... sabe em que livro? Na Encyclopedica do riso e da galhofa. (*Sahe*).

LEANDRO, *rindo*.

É um burro! (*Sobe.*) Eil-o ahí! Onde me esconderei? Ah! (*Deita-se na rêde*). Este grupo de arvores occulta-me muito bem.

### SCENA 9.<sup>a</sup>

LEANDRO, na rêde, EDUARDO, ao fundo observando receioso a scena e logo depois MARIA, que apparece no pavilhão.

EDUARDO.

Entro sempre acanhado nestas casas. Este ar abafa-me apezar de livre!... Aqui nunca poderei estar bem, qualquer olhar mais demorado faz-me desconfiar e parece-me logo ouvir dizer:—O que vem cá buscar este *pinta-monos*?—E assim afasto-me sempre com medo, porque sinto-me capaz de esmagar um miseravel que faça pouco em mim... Porem ella! ella que eu amo

com um amor nunca visto, com uma febre louca! Ah! pobre de mim! Não a faças soffrer! Pintor, volta para a tua casa! Não te absorvas nesta lucta desigual, por que não terás forças, para resistir!. (*Vai para sahir e volta*). Mas não, não devo sahir; fui chamado, o que posso recèiar? (*Maria apparece*). Ella! Oh! Meu Deus, dai-me força e coragem!

MARIA, *desbrucando-se no parapeito.*

Eduardo! chega-te aqui, depressa!

EDUARDO.

Maria, vê que não nos comprometam!..

LEANDRO, *sahindo da rede.*

! Não é ella! Graças, meu Deus!

MARIA, *desce até o penultimo degráu e pára com um papel na mão.*

Eduardo, tu tens coragem?

EDUARDO.

Essa pergunta!

MARIA.

Queres um talisman para triumphares sempre, se a lucta for forte?

EDUARDO.

Lucta? Luctar com quem?

MARIA.

Não sabes. Pois bem, prepara-te para o golpe. Meu pai quer casar-me com o Barão de Biribá.

EDUARDO.

Ah! desgraçado d'elle!..

LEANDRO, *sahindo da rede.*

Não casará, affirno-lhes eu!

MARIA, *um pouco assustada.*

Ah!..O senhor!

LEANDRO.

Eu mesmo.

EDUARDO.

E quem é o senhor?

LEANDRO.

Silencio!

JULIA, *na janella do pavilhão.*

Teu pai e o Barão ahi vêm!

MARIA, *mostrando Leandro.*

Não ha receio. (*Desce com Julia.*)

SCENA 10.<sup>a</sup>

OS MESMOS, COMMENDADOR pelo F. com o BARÃO  
e BELMIRO.

COMMENDADOR.

Belmiro leva este burro para a estribaria. (*Reparando em Eduardo ao tempo que Belmiro monta no burro e sahe*) Oh! o senhor aqui! O que quer? Quem o chamou.

EDUARDO.

Ninguém. Nada quero.

LEANDRO.

Quer tudo. Quem o chamou fui eu.

EDUARDO, COMMENDADOR e o BARÃO.

O senhor!..

LEANDRO.

Acquiram-se? O senhor chama-se Eduardo Meirelles.

EDUARDO.

Sim, senhor.

LEANDRO.

Pois eu conheci seu pai, e trago-lhe suas ultimas vontades.

EDUARDO, *estremecendo.*

Meu pai! E eu que não o conheci!

BARÃO.

Nem eu o meu, e sou Barão.

LEANDRO, *tomando Eduardo pela mão.*

Senhor Commendador, dá licença que lhe apresente este cavalheiro?

COMMENDADOR.

Pois não!

LEANDRO.

E o senhor Barão também.

BARÃO.

Essa é boa!

LEANDRO.

Meus senhores, tenho a honra de apresentar-lhes o Sr. Eduardo Meirelles, muito distiucto pintor desta cidade e filho do *condemnado Sabino Rivera.* (*Eduardo cobre o rosto com as mãos.*)

COMMENDADOR, *cahindo n'uma cadeira.*

Ah!

MARIA, *acudindo.*

Meu pai!

BARÃO *espantado.*

O burro ? Volto para a cidade, tenho muito que fazer.

LEANDRO.

Senhor Barão !

BARÃO, *gritando.*

Tragão o meu burro.

SCENA 11.<sup>a</sup>

TODOS e D. CARLOTA, do terraço do pavilhão.

D. CARLOTA.

Acudão ! acudão meu neto, que montou no seu burro, Barão, e lá vai com o freio nos dentes a toda desfilada ! Acudão ! acudão ! senão morre !...

BARÃO, *desorientado corre para o fundo e sahe gritando.*

Tomem-lhe a frente ! tomem-lhe a frente !... (*grande confusão. Julia tem subido para junto de D. Carlota e observa para fóra. Maria, ajoelhada junto ao Commendador, contempla-o.*)

Cahe o panno.

## ACTO 2.<sup>o</sup>

Sala em casa do Commendador mobiliada ao gosto moderno. Na D. B. uma secretaria com livros, papeis, tinteiro, etc. Na E. B. sofa e cadeira de balanco etc. Ao fundo tres janellas, deixando ver outras casas. Portas lateraes a D. e a E. É dia.

### SCENA 1.<sup>a</sup>

MARIA, só sentada junto á secretaria lendo uma carta. Está pallida com os cabellos soltos e no maior desalinho.

«Espera por mim, Mariquinhas; eu entrarei sem me fazer annunciar, e só contigo combinarei o que de-vennos fazer. Resiste o mais que fôr possível; ainda mesmo que teu pae te ameace, nada temas; eu te salvarei.» (Maria depois de ler enxuga os olhos, e depois de uma pequena pausa). Ter de lutar, desobedecer a meu pai! Supportar o seu olhar cholérico... E por que, meus Deus, porque amo!... Oh! sim, mas se este amor é o mais puro, o mais santo que appareceu na terra. Sou muito desgraçada. Por que não nasci eu pobre! Como não seria livre o meu amor! E meu pai não seria surdo então a este sentimento nobre de meu coração! Não m'o esmagarão, como lentamente o estão fazendo!... (erguendo-se). Pois bem, é Deus que não quer este sacrificio! Resistirei, resistirei ainda que meu pai me amaldiçoe. Mais tarde elle me perdoará.

SCENA 2.<sup>a</sup>

D. CARLOTA e o COMMENDADOR.

COMMENDADOR, *dando o braço a D. Carlota.*

Então acha a senhora que procedi bem obrigando Maria a casar com o nosso amigo ?

D. CARLOTA, *coxiando de uma perna.*

Sem duvida ! É o que compete fazer. Isto de um pai estar pelos caprichos de sua filha, é a peor de todas as condescendencias. Olhe, se meu pai não me obrigasse a casar com o defunto Pantaleão, de iria eu parar ? Á estas horas estava ainda no degredo.

COMMENDADOR.

Porque ? Sofreu alguma cousa por esse motivo ?

D. CARLOTA.

Então você não sabe ?

COMMENDADOR.

A respeito de seu casamento nada sei. Nesse tempo o que era eu.

D. CARLOTA.

Tem razão; mas vou-lhe contar como foi.

COMMENDADOR, *preparando-se para escrever.*

Estou ouvindo.

## D. CARLOTA.

Manoel Tobias Carapeba, era um rapaz bonito, agradável, moço do tom. Cantava modinhas e tocava violão; enfim era bahiano. Eu gostava d'elle como quem gosta do que é bom. Pedio-me em casamento e meu pai logo se oppoz... fazendo-me conhecer o defunto nessa occasião e dizendo que meu marido é o Sr. Pantaleão. Foi dito e feito: casei com o defunto, com bem pena do meu Tobias, que logo no dia seguinte ao casamento, por volta de meia noite, veio-me cantar uma modinha em que me punha mais chata que um prato. No meio disto appareceu o «*turundumdum*» de 1831, e o Sr. Carapeba metten-se n'elle, foi agarrado e degradado não sei para onde. Se meu pai não me obrigasse o que teria sido de mim? Estava morta ha muito tempo, porque não era com modinhas que havíamos de viver. Assim foi melhor: o meu Pantaleão fez-me muito feliz, apesar de nunca esquecer-me do meu revolucionariosinho.

COMMENDADOR, *parando de escrever.*

Tem razão. O mesmo farei com Maria, para que se realize o mais breve possível o casamento do Barão, em virtude de sua proxima partida para a Europa.

## D. CARLOTA.

Que me diz! Então sempre é certa a retrada?

COMMENDADOR.

Tenho até em meu poder todo o seu capital liquí-

dado; porque, como sabe, o Barão tem sido mais infeliz do que eu. Perdeu muito com as quebras de 1864 e hoje a sua fortuna pôde quando muito chegar a trezentos contos. Alem disso, vae vê se arranja — *um certo negocio* — no Porto, que o hade demorar seguramente um anno. Já vê que é preciso apressar o casamento, porque, logo que Maria estiver na Europa, esquecerá tudo pelos encantos de uma vida nova, cheia de attrativos.

D. CARLOTA.

Mas isso leva tempo, não sei para que ir logo depois de casada. A menina enjôa naturalmente, e o enjôo na lua de mel não é nada bom.

COMMENDADOR.

Mas se o Barão quer!... Que lhe havemos de fazer. Depois elle tem necessidade de ir a Braga comprar uma propriedade para a familia do seu caixeiro, que muito breve será socio da casa.

D. CARLOTA.

Então o Rodrigues, caixeiro do Barão, é de Braga?

COMMENDADOR.

É.

D. CARLOTA.

Eu logo vi. Quem é bom não pôde deixar de ser de bom lugar.

COMMENDADOR.

Porque?

D. CARLOTA.

Porque o meu Pantaleão era de—*Braga-ao-pé*—e elle sempre me dizia que lá se amava muito a Deus, ao Rei, aos Santos, e aos Padres.

COMMENDADOR, *riudo*.

Logo são estes os predicados que a fazem boa?

D. CARLOTA.

Pois então! Na minha humilde opinião, a terra em que houver muitos padres, é sempre a mais olhada por Nosso Senhor Jesus Christo.

COMMENDADOR, *fechando a carta*.

Sendo assim, tem razão.

D. CARLOTA.

Mudando de um *polo a outro hemisferio*, diga-me, Commendador: aquelle magico que fim levou? Desde o celebre dia em que o meu estonteado neto hia morrendo por causa do burro do Barão, nunca mais appareceu-nos.

COMMENDADOR.

Ainda por ali ás voltas com o tal pintor.

D. CARLOTA.

Qual, o que pediu a Mariquinhas?

COMMENDADOR.

Esse mesmo. Sabe para quem é esta carta? É para o—son—magico.

D. CARLOTA.

Que me diz! Vae escrever-lhe, o que?

COMMENDADOR.

Convido-o para vir fallar comigo. Quero compral-o.

D. CARLOTA.

Como?

COMMENDADOR.

Quero dar-lhe dinheiro a ganhar, fazendo-o meu instrumento contra o tal menino. Sempre é bom e—r bem com esses homens; pode haver qualquer coisa e a prevenção é meu caminho andado.

D. CARLOTA.

E o magico aceitar-se-ha?

COMMENDADOR.

O nem que confessa a outro que soube arrastar-se roubando, quer que se lhe compre os serviços.

D. CARLOTA.

Homem, eu sei!...

COMMENDADOR.

Não ha que recejar. O Barão hoje virá fallar-me e combinaremos então o nosso plano de ataque. O Barão não ligou importancia alguma ao acontecimento de ha quinze dias e eu quero acordal-o e prevenil-o, porque é sempre bom prevenir-se os velhos contra as crianças.

D. CARLOTA.

Tambem hoje qualquer bicho careta pede uma moça, em casamento, como se isso fosse—*marimba que preto toca*—. Felizmente depois que enviurvei nunca mais ninguem se engraçou comigo. Elles bem sabem a que porta vão bater.

COMMENDADOR, *toca uma campainha e José apparece com uma carta.*

O que é isto?

José.

Uma carta para V. Exc.

COMMENDADOR.

Da cá (*põe sobre a secretaria*). Vá ao Hotel Brazil e entregue esta carta a quem é dirigida.

José.

Espero resposta?

COMMENDADOR.

Não. Em seguida vá ao escriptorio do senhor Barão de Biribá, a diga-lhe isto—*Venho do Hotel Brazil—(O creado vae)*.

D. CARLOTA.

Então sempre quer?..

COMMENDADOR.

É melhor experimentar.

D. CARLOTA.

Olhe que o homem é magico, e eu tenho muito medo da gente que tem parte com o inimigo.... *(levanta-se e grita)* Ai! ai... ai...

COMMENDADOR; *accolando*.

Ainda lhe dóe?

D. CARLOTA.

E quando me deixará de doer! N'outro tempo eu nem fazia cazo, mas hoje... Ai! ai! Quem lhe dêo aquella rêde, Commendador?

COMMENDADOR.

O Dr. Ismaiel quando voltou do Amazonas.

D. CARLOTA.

Oh queda! Agora comprehendo que a rêde é uma invenção de brutos. Ai! ai! Vou até lá e baixo ver

se o meu Belmiro já accordou. Com o maldito Alcazar aquelle tratante recolhe-se agora ás horas que quer. Pensa aquelle bôbo que as francezas lhe dão muita importancia. Ai! ai! ai! (*sae sempre coxeando e gemendo*).

### SCENA 3.<sup>a</sup>

COMMENDADOR só depois MARIA.

COMMENDADOR.

Esta mulher quando está aqui, passo sempre incommodado. Vejamos esta carta. (*Abre e logo estremece, depois ri-se com ironia*). Ah! ah! ameaças-me? . . . Estou a tua espera. É dinheiro que queres? Tel-o-has; mas na lucta, não, que hasde perder. Quem pouco tem, pouco vale. Quando se combate com forças desiguaes, a victoria é da maior, pela razão do numero. Assim é o dinheiro; o rico sempre hade esmagar o pobre com o peso do ouro.

MARIA, *entrando*.

Meu pai !

COMMENDADOR.

O que me quer ainda ?

MARIA.

Tentar um ultimo recurso.

COMMENDADOR.

Bem... Ainda esta vez quero ser condescendente. Ouçamos.

MARIA.

Meu pae, depois que vosmecê aqui me deixou absorvida na contemplação de minha dôr, depois que ouvi-lhe a minha sentença condemnatoria, tive um aviso do céu, um balsamo para a minha grande chaga; tive a carta de uma amiga. Nessa carta encontrei a força precisa para resignar-me. De certo que vosmecê não previo que sua filha, embora lhe tivesse dito, sim! pudesse mais tarde encontrar um estorvo que a obrigasse a dizer—não! Appellou somente para o seu absoluto poder, e como o senhor acostumado a mandar, concluiu com esta pesadissima palavra.—Quero!

COMMENDADOR.

E a que vem isto? Creio que conclui bem.

MARIA.

Perdão, meu pai, concluiu mal. Ha para nós outras,—mulheres contrariadas, um grande conforto, unico, infallivel... a religião!..

COMMENDADOR.

Ah! queres suffocar tua paixão n'um convento, não é assim? Queres lutar com o amor religioso, e o amor profano, não? Isso será o maior sacrificio; pertenceu ao seculo passado, e só apparece nos romances.

O teu convento será aquelle que mais tarde os prazeres de uma viagem á Europa te reserva logo que cases com o Barão.

MARIA, *com desprezo.*

A Europa ! o luxo ! a ostentação ! a grandeza ! embora enfeitada de galões falsos. (*O Commendador estremece e encara a filha*). Tudo isto desprezo, tudo troco pela mais modesta sombra do meu Brazil, pelo mais poetico retiro que a minha liberdade permitta-me escolher. Eu não lhe peço dote, meu pai, peço-lhe amor. Deixe, livre, o coração guiar-me; para que o remorso seja somente meu, não o provoque a tropeçar cego pelo desespero !..

COMMENDADOR.

Basta ! Saia da minha vista.

MARIA, *com dignidade.*

E porque não hade ouvir-me ?... Meu pai, acabo de orar á virgem das Dores. E sabe com que resolução ergui-me de seus pés, pois foi ella que m'a inspirou ?

COMMENDADOR.

Sim ? Qual foi ?

MARIA, *com calma.*

Desobedecei-o ainda que vosmecê me amaldiçõe, porque estou certa que o céu não o ouvirá.

COMMENDADOR.

Que dizes ? !

MARIA.

A minha inabalavel resolução.

COMMENDADOR, *com calma.*

Ah ! tínhamos que ver ! Seria mister que eu não fosse teu pai ! seria necessario que eu não fosse um homem capaz de . . . (*dando um passo para Maria*).

MARIA, *curvando-se.*

De bater-me ? Bata; sou sua filha, sou uma mulher, e por consequencia nada poderei fazer para obstar a cegueira de meu pai, a colera de um homem.

COMMENDADOR.

Maria !

MARIA, *com lagrimas.*

Mal sabe, meu pai, quanto me custa fazel-o soffrer ! mal sabe, senhor, por que me vê aqui persistente em querer fallar-lhe ! Mas é tão alta a gravidade do assumpto . . . que tremo, vacillo, e nada posso dizer.

COMMENDADOR.

Seja qual fôr, quero saber.

MARIA, *encarando o Commendador.*

Meu pai ouça-me sem corar ! . . .

COMMENDADOR.

Acaba.

MARIA.

Meu pai perdeu uma carta.

COMMENDADOR, *estremecendo.*

Quando ?

MARIA.

Ha quinze dias.

COMMENDADOR, *dando um grito.*

Ah ! *(Abre a gaveta da secretaria, tira diversos maços de cartas e confere).* Isto é impossível ! *(Depois desta busca diz com desespero).* Roubada ! roubaram-m'a !

MARIA.

Perdida ! Achei-a eu !

COMMENDADOR.

Tu ! Onde ?

MARIA.

No jardim.

COMMENDADOR.

Leste-a.

MARIA.

Não onvio um grito no pavilhão ?

COMMENDADOR.

Sim . . . (entra lu . . .)

MARIA.

Que acobarda de ter um documento terrível !

COMMENDADOR.

Dá-me essa carta !

MARIA.

Não a tenho.

COMMENDADOR, agarrando-lhe no braço.

Dá-me essa carta !

MARIA, com toda a calma.

Queingia, meu pai, queimei aquelle documento infame. (Commendador solta lhe o braço). Eis aqui, meu pai, o que ha tanto tempo queria declarar-lhe e que sempre vacillei fazer. Mas bom pai, revogue essa alliança.

COMMENDADOR, sentando-se com muito calma.

Agora mais do que nunca serás esposa do Barão.

MARIA, voltando-se gradualmente.

Meu pai, não me ouvio dizer que li essa carta que nunca deveria ter chegado as minhas mãos ! Não sabe que ali se comprehendia bem claramente que o Barão era um . . . (O Commendador encara-a e Maria cae-lhe aos pés de joelhos). Oh ! não, não serei sua espo-

sa ! Eduardo virá tambem lançar-se-lhe aos pés, meu pai, e como eu neste momento em nome de minha santa mãe, pedir-lhe-hemos que se compadeça de nós.

COMMENDADOR.

Nunca ! seria a minha eterna vergonha !

MARIA, *ergue-se com rapidez e diz fóra de si.*

Vergonha !... Vergonha será a aliança de uma mulher, pura e honesta, com a infamia desse barão ! Vergonha será a consciencia, limpa de remorsos, em consorcio intimo com outra civada de assassínios e moeda falsa. Vergonha será finalmente o escandalo que se ha de dar quando o filho de Sabino Rivera reclamar a honra de sua mãe e o exilio de seu pai !...

COMMENDADOR, *tem gradualmente se erguido e n'uma convulsão desesperada precipita-se sobre Maria para tapar-lhe a bocca.*

Desgraçada !... *(Julia tem entrado sem ser vista, arroja-se entre elles, repellindo o Commendador).*

## SCENA 4.<sup>a</sup>

OS MESMOS e JULIA.

JULIA.

Que faz, Sr. Commendador ? Quer matar sua fi-

lha ?

0

COMMENDADOR, *recuando cahe sobre uma cadeira espantado.*

Ah !

MARIA, *baixo.*

Julia, salva-me !

JULIA, *idem.*

Vem, vem, fujaamos !

MARIA, *affastando-se.*

Fugir não ! Não devo abandonar meu pai !

JULIA, *supplicando.*

Em nome do céu vem com tua amiga !

MARIA, *muito anciosa.*

Sim, sim, para onde ?

JULIA, *arrastando Maria.*

Para onde eu quizer.

MARIA, *sahindo.*

Ah ! meu pai, é o destino que assim quer. (*Sahem*).

## SCENA 5.ª

O COMMENDADOR e depois o BARÃO.

COMMENDADOR, *durante toda a scena antecedente tem estado n'uma completa prostração; depois que Julia e Maria sahem ha um pequeno silencio, para então fallar.*

Estou perdido ! Sabe tudo, e sua amiga tambem ! Ella que nos aborrece ! Ella, que intenta esmagar-nos com os seus epigrammas ferinos. Não será assim: resta-me ainda o Barão em quem tenho toda a confiança. Além desse documento que Maria queimou, nada mais pôde existir que nos faça mal. Esses miseraveis hão de tremer de medo, por que quem mais dinheiro tem mais pôde.

BARÃO, *entrando.*

Encontrei seu criado e *antes de dizer-me: venho do Hotel Brazil,—disse-lhe—vou para o Hotel Brazil (repotrefia-se na cadeira de balanço, fumando um charuto).*

COMMENDADOR.

É Deus que o envia.

BARÃO.

Ou o diabo. Sou um homem forte, Sr. Commendador ! Não tremi muito com a existencia do filho de

Sabino Rivera: eu sabia que existia, mas ignorava onde.

COMMENDADOR, *fechando a porta.*

Tambem eu não estou com esse medo que me supõe.

BARÃO.

Então para qua fecha a porta ?

COMMENDADOR.

Porque vamos fallar de assumpto grave. Barão, creio que a fatalidade intenta aniquilar-nos para sempre. Como se explica esse amor de minha filha por aquelle homem, nossa victima, cujo pai fizemos desaparecer? Como se explica esse magicô ir logo travar conhecimento com esse homem que naturalmente o incumbio de vingal-o, vingando seu filho? Como se explica o pedido d'essa criança insolente, poucos dias depois daquelle em que se apresentou em minha casa? Sabe o que é tudo isto, é a punição que nos chega, e o dia da expiacção que se aproxima.

BARÃO, *deitando uma baforada.*

Deixe-se de escrupulos, tudo isto não vale esta fumaça de charuto.

COMMENDADOR, *sentando-se no sofá.*

Ah ! meu amigo, se soubesse...

BARÃO.

Nada, não ha nada que nos possa intimidar. Se aqui venho, é por outra razão. Eu não me assusto de qualquer cousa; o meu baronato põe-me a salvo de tudo.

COMMENDADOR.

Barão, nem tudo é como se pensa !

BARÃO.

Você, Commendador, tem dous defeitos, falla muito e faz pouco, precipitando ás vezes os negocios de uma forma sempre inconveniente. Faça como eu. Ás vezes sou estúpido, por que me faz conta, outras sou finório, por que não quero ser logrado. Ha porém um systema que eu sigo e que é preciso que o Commendador contrafaça-se e execute-o.

COMMENDADOR.

Qual é ?

BARÃO.

A hipocrisia !

COMMENDADOR.

Não nos serve no caso presente. Agora trata-se de evitarmos os males que nos ameaçam.

BARÃO, *lançando o charuto fóra.*

Então ouça-me, e deixe-se de abusões. Se Sabino Rivera fugio porque nós o obrigamos a isso, se elle

cahiu como um pato na arriosa, que lhe armámos, se por lá morreu persuadido que a policia o quiz agarrar, quando fomos nós que desfizemo-nos d'elle ! Que nos importa que agora faça doações ao filho, que mesmo diga que fomos seus cúmplices, quando não ha nem pôde haver documento algum que prove ? . . . .

COMMENDADOR.

Mas ha a vingança do filho e do amante, que é capaz . . .

BARÃO.

De tomar-nos uma satisfação ? Isto é, mais a mim do que a ti, por que sempre és o pai da mulher que elle ama, e eu sou seu rival. Pois bem, para um pintor eu possuo a superioridade do meu titulo, que põe-me ao abrigo da qualquer *thagalhé*.

COMMENDADOR.

Ah ! não estão ali os meios de segurança. Uma criança ambiciosa como aquella, com a cabeça escandecida pelos desesperos de uma posição humilde, uma criança atrevida que pediu minha filha em casamento, enfim, que se julga rico, porque seu pai lhe mandou dinheiro, segundo se diz, é capaz de tudo.

BARÃO, *ironico*.

Com effeito !

COMMENDADOR.

É impossivel que sua mãe não lhe contasse toda a

sua história; é impossível que não revelasse teu nome que ella tanto detestava. Por consequencia é impossível tambem que os sentimentos do filho não se manifestem em toda a sua força, e então. . .

BARÃO.

Basta. Não sahirei mais á noite senão de carruagem.

COMMENDADOR.

Não te evitará a morte se te quizerem matar.

BARÃO, *dando um pulo da cadeira.*

Safa ! isso agora é mais sério, porque não será a pessoa d'um pintor sufficiente para valer a minha. Mesmo ainda que morra na cadeia, não tem vida com a qual indemnise a falta d'um barão na sociedade !...

COMMENDADOR.

Já vês que é preciso cautella !

BARÃO, *rindo.*

És muito medroso, meu amigo.

COMMENDADOR.

Pois bem, lê este bilhete, e veremos se o teu sangue frio não se altera ? (*Dá-lhe o bilhete, o Barão abre e lê muito calmo.*)

BARÃO, *tendo ajudado pela luneta.*

«Hoje espero-me em sua casa para uma entrevista, seja a que horas for. Trata-se de negocio muito perigoso que diz respeito á honra de V. Exc., do Barão e de Eduardo. Trata-se ainda do Sabiño Rívera e Nelson.»

COMMENDADOR.

Então o que dizes a isto ! . . .

BARÃO, *rindo.*

Digo-te, meu amigo, que o homem que não baqueou diante das quebras bancarias de 84, não recua tambem em frente de ameaças, cujo alcance é filar-nos dinheiro. Tudo isto é uma *escamotagem* do tal magico; é o mesmo que um artigo que se vai imprimir e que se nos denuncia com o fim de suspender a publicação *compensando* o escriptor. Nada, não me atemoriso ainda. O tal magico, meu amigo, é um espertalhão, e eu gosto de quem é sagaz, mas para cá vem de *carrinho* como diz o meu caixeiro

COMMENDADOR.

Já vejo que não te convengo, assim como não te ajudarás em cousa alguma.

BARÃO.

Estás enganado. É sobre isto que venho fallar-te. Tendo eu todavia mais a cingança de um amante sem

ventura, do que a de um filho que só agora sabe quem foi seu pai, venho lembrar-te uma cousa.

COMMENDADOR.

Dize.

BARÃO, *tomando uma attitude grave.*

Sei que sou despresado por tua filha em virtude da minha velhice, mais isso nada valem quando os pais querem e os filhos obedecem. Pois bem, deixa os escrúpulos de tua filha, chore ella como tantas outras, eu quero casar-me hoje, agora mesmo, que se faz preciso.

COMMENDADOR.

Mas esta precipitação é impossivel.

BARÃO.

Diante do dinheiro e dos homens não ha impossiveis.

COMMENDADOR.

Mas ha outra circumstancia, é preciso prevenir-te d'ella. Maria sabe todo o nosso passado.

BARÃO, *levantando-se.*

Como ?

COMMENDADOR.

Aquella maldita carta que me escreveste e que a

tua fatal liviandade obrigava-me a recordar os meus crimes e nossa cumplicidade, como um dever de escravo que obedece a seu senhor; perdia-a ! Maria achou-a, leu-a e...

BARÃO.

E...

COMMENDADOR.

Queimou-a.

BARÃO, *rindo*.

Então está salva a patria ! Quando ella fôr minha mulher hade esquecer os crimes de seu marido. Portanto está combinado, casamo-nos hoje.

COMMENDADOR.

Sim.

BARÃO.

A que horas ?

COMMENDADOR.

Trata do padre primeiro.

BARÃO.

Quando fallei em casar-me hoje foi por que já tinha um com dinheiro por conta. Essas cousas não são custosas. A necessidade do dinheiro a tudo obriga. Na epocha actual, principalmente.

COMMENDADOR.

Bem, neste caso ás onze horas da noite.

DI

BARÃO.

Seja. Se o tal magico vier, uso de hipocresia; não te compromettas com as tuas idéas—*de tudo ver e tudo poder.*

COMMENDADOR.

Deixo estar, eu me saberei conter.

BARÃO.

Adeus vou saber notícias da Europa. (*Sabe.*)

SCENA 6.<sup>a</sup>

O COMMENDADOR e BELMIRO, entrando e fallando para fóra por onde sahio o Barão.

BELMIRO.

Adeus Barão ! Como passa o amigo burro ? (*Rindo.*) Aquelle Barão é um damnado, está zangado comigo porque namoro-lhe uma vizinha.

COMMENDADOR, *a parte.*

Só me faltava este idiota !

BELMIRO.

Que bulha foi uma aqui em cima, que me obrigou a pular da cama.

COMMENDADOR.

Fui eu que arrastei as cadeiras.

BELMIRO.

Mentira, você está me enganando.

COMMENDADOR.

Não foi nada, rapaz.

BELMIRO.

Nada, heim ? . . Commendador, você é meu amigo ?

COMMENDADOR.

E por que não o heide ser ?

BELMIRO, *com misterio.*

Pois bem, vou-lhe fazer uma communição muito importante, mais é preciso guardar segredo.

COMMENDADOR, *idem.*

O que é ?

BELMIRO.

Psio ! . . Não ouça alguém ! (*vae espiar*).

COMMENDADOR.

Pódes fallar.

BELMIRO.

Como sabe, minha vóvó é uma velha.

COMMENDADOR.

Sei.

BELMIRO.

Mas o que talvez ignore é que ella não se immortalisa com rasgos de generosidade!

COMMENDADOR.

Isso não sei.

BELMIRO.

Basta que eu saiba. Pois bem, minha vóvó não me dá dinheiro e... (*Observando de novo*). Não ouça alguém!..

COMMENDADOR.

Acaba com isto.

BELMIRO.

Psio!... não vale zangar.

COMMENDADOR.

Peior!

BELMIRO.

Lá vae. A policia anda com os olhos em mim!...

COMMENDADOR.

Porque?...

BELMIRO.

Porque minha avó não me dá dinheiro.

COMMENDADOR.

Ora ! . . .

BELMIRO.

O Commendador é que me podia remediar essa falta com alguns cobrinhos.

COMMENDADOR.

Nunca farei isso. Sou administrador da fortuna de sua avó, e não quero abusar concorrendo para as suas dissipações.

BELMIRO.

Pois eu também não. lhe digo uma cousa que sei. Pensa que eu não ouvi o barulho ? Por isso ella foi-se com minha avó.

COMMENDADOR.

Quem ? Maria !

BELMIRO.

Sim, não está mais em casa, minha avó foi com ella e D. Julia. Por signal minha avó só dizia—perdoa-me, Mariquinhas ! Mariquinhas faz a vontade a teu pai !—e isso n'uma lamuria de peccados, por que quando minha avó chora espirra muito.

COMMENDADOR, *perturbadissimo*.

Mas eu já não entendo nada, nado ouço ! (*Agarrando Belmiro*). Onde está minha filha ?

BELMIRO, *fazendo uma careta.*

Ai Commendador ! Eu não sei de sua filha ! Naturalmente vovô lhe dará noticias quando voltar.

COMMENDADOR.

Sim !... Tens razão. Deve estar com D. Julia. (*Toma o chapéo, vai a sair e encontra-se com Leandro.*)

BELMIRO, *esfregando o braço*

Machucou-me uma cabeça de prego !...

### SCENA 7.ª

OS MESMOS e LEANDRO.

LEANDRO, *entraudo.*

Creio que cheguei em boa occasião. Ia sair ?

COMMENDADOR.

É verdade. (*á parte.*) Que contratempo !

BELMIRO.

Incomparavel Leandro !

LEANDRO.

Adeus, menino.

BELMIRO.

Mais respeito ! olhe que já sou alguma cousa. A policia anda com o olho em mim.

LEANDRO.

Sim ? Dou-lhe os parabens. (*Apertam as mãos*).

COMMENDADOR, *que tem estado pensando*.

Sahe, Belmiro !

BELMIRO.

Já (*Á parte sahindo*). Onde acharei dinheiro?.. Ah!  
em casa do Barão! (*Sahe*).

SCENA 8.<sup>a</sup>

COMMENDADOR e LEANDRO.

COMMENDADOR, *indicando o sofá*.

Sabe para que mandei-o chamar ?

LEANDRO.

Não; mas como tambem avisei-o de que lhe queria  
fallar, unio-se a vontade com o desejo.

COMMENDADOR.

Então ouça, que os momentos são preciosos para  
mim. O Sr. Leandro é homem de tino a perspicacia,  
e que em alguma conta tem o dinheiro. Já possui  
uma fortuna, mas é muito pouca para um moço, como  
o Sr., que para gosar o mundo não poupa o que  
tem. Na nossa sociedade o valor das *libras* é que  
marca as gerarchias. O Sr. é ambicioso como deve  
ser todo o homem que quer figurar, e faz muito bem.

O Sr. recolheu a um dos nossos bancos 60 contos de reis, fructo das suas economias no Paraguay. Isso nada é, muito principalmente se pretende pelos meios legais augmentar esta quantia. Não o conseguirá, nunca; é um homem experimentado quem lh'o assegura. *(À parte)*. Vejamos se elle cahe no laço.

LEANDRO, *um pouco abarrecido*.

Mas a que vem isso ?

COMMENDADOR.

Vae saber. A qui no Rio de Janeiro não valem imposturas é preciso dinheiro para gastar, e muito dinheiro. Ora, a sua fortuna é fraca. Prometto duplical-a comtanto que . . .

LEANDRO.

Acabe.

COMMENDADOR.

Comtanto que faça seu amigo Eduardo esquecer minha filha, motivando para esse fim um ciúme seu para com elle. Diga-lhe que tambem ama minha filha, e que nesse caso não será delle nem sua, fazendo-o escrever incontinentemente a ella nesse sentido. Um desprezo formal ! Uma boa intriga, enfim ! . . .

LEANDRO, *depois de pensar*.

Quer então V. Exc., que eu vá trahir a um amigo meu, no mais santo da sua consciencia, cobrindo-me de lama ao mesmo tempo que assassino a honra de

uma virgem, que é tão infeliz, quanto deve ser respeitada? Quer que eu calque aos pés todos os sentimentos nobres que me restão, só para servil-o por alguns contos de reis?

COMMENDADOR, *à parte.*

Acha pouco. (*Alto*). Não duvidarei aumentar mais alguma cousa, se obtiver bom resultado.

LEANDRO.

Só isso?

COMMENDADOR.

Ainda mais.

LEANDRO.

Diga.

COMMENDADOR.

Não contar cousa alguma do Barão a esse moço. Guardar absoluto segredo sobre tudo isto, até a saída do paquete para a Europa. Só lhe peço tres dias, e o Sr. ganha mais do que tem ganho até hoje sem se expor a tanto perigo. Que diz?

LEANDRO.

Não.

COMMENDADOR.

Como?

LEANDRO.

Digo-lhe que não! Que não accetto as suas propos-

tas e que agora mais, do que nunca-heide tudo fazer a favor de Eduardo.

COMMENDADOR, *sobe como querendo fechar, e diz.*  
Pense bem !

LEANDRO.

Antes de vir á sua casa já havia pensado.

COMMENDADOR, *depois de fechar a porta, tira a chave.*

Então vejo que o senhor força-me a prendel-o aqui pelos tres dias que não me quer vender.

LEANDRO, *com toda a calma e rindo-se.*

Perdão, empregue os seus ultimos recursos depois de me ouvir tambem. Mate-me até, se fôr possível, mas hade ouvir-me, como tambem o ouvi.

COMMENDADOR, *abrindo uma gaveta da secretária. (A parte).*

Começa a ter medo. *(Alto).* Ouvirei.

LEANDRO.

Senhor Commendador, creio que V. Exc. sabe muito bem um proverbio, que diz:—Hoje por mim amanhã por ti.

COMMENDADOR.

Vem nas cartas de enterro:

LEANDRO, *rindo.*

Justamente. . . Mais ha outros ditados caseiros muito a proposito para a situação presente. Diz-se geral-

mente que Deus fez duas cousas más, no meio de tantas boas, que são:—Não nos ter feito as barrigas das pernas nas canellas, e um dia depois do outro.

COMMENDADOR.

Pego-lhe que falle mais sério, e o mais breve possível.

LEANDRO, *rindo.*

Isso é que não pôde ser ! Tenho de estar tres dias aqui em sua companhia, e já vê que me heide rir, fazendo-o rir também.

COMMENDADOR.

Bem, ouvirei até quando quizer. (*A parte*). Minha filha ! Onde estará minha filha ?

LEANDRO, *levantando-se.*

O mundo é um composto de compensações. A tendencia peculiar do genero humano é a maldade. E, se não, compulsem os factos historicos de todos os povos e de todas as nações e concluirão commigo. Dizem os materialistas—que quem vive é quem gosa. Inclino-me um tanto a esta theoria, não obstante professar o maior culto ao espiritalismo. A fusão social, a illustração e tantos outros meios democraticos, tem destruido como as traças os ultimos pergaminhos da nobreza de sangue azul, aquella que em todo caso é a verdadeira, por isso que os nossos maiores fizeram-se de soldados cavalleiros. Por consequencia a outra

nobreza, esta que se quer levantar hoje, sabe como os garrotos a appellidam ? . . Pomada.

COMMENDADOR.

Pomada !

LEANDRO.

É verdade. E olhe que não podiam melhor classificar a fofice e a impostura dos medalhões de nossa terra. Hoje allia-se a nobreza de sangue azul á nobreza da intelligencia. Mede-se o merecimento de cada um pelas virtudes que tem, se por acaso apparecem. Mas, apezar da corrupção do seculo, ha ainda desses phenomenos de vez em quando. A alliança do dinheiro tem dois principios: ou inclinação natural, ou conveniencia. A primeira é de Deus, a segunda dos agiotas ou do diabo. Consequentemente, a minha questão cifra-se nestes dois ultimos pontos.

COMMENDADOR.

Basta; já sei ao que quer chegar.

LEANDRO.

Atinou ? Ora, graças a Deus, que voltou-lhe a antiga penetração ! . .

COMMENDADOR.

Segundo vejo, vem com intenção de transigir com-migo ?



LEANDRO.

Somente com uma condição.

COMMENDADOR.

Eu não aceito condições de ninguém.

LEANDRO.

Mau ! Não me tome o recado na porta da rua !  
Ouça-me até o fim e depois me dirá o que devo fazer.

COMMENDADOR.

Então conclua sem mais preambulos.

LEANDRO.

Pois bem. V. Exc. sabe que estive no Paraguay, e  
que fui portador das ultimas disposições de Sabino  
Rivera ?

COMMENDADOR.

Sei.

LEANDRO.

Mas o que ignora talvez é que entre essas disposi-  
ções existe um mysterio terrivel que se chegar a ser  
revelado. . . (*O Commendador estremece*). O senhor  
Commendador estremeceu ?

COMMENDADOR, *perturbando-se*.

Não, senhor, estou calmo. Não sei por que pôde sup-  
por . . .

LEANDRO.

É que o vi empallidecer e por isso...

COMMENDADOR, *contrafeito.*

Vamos, senhor, basta de comédia.

LEANDRO.

Tem razão; que vale aqui a comédia? Vamos á realidade. Esse misterio reduz-se á uma grande fortuna para o filho de Sabino Rivera...

COMMENDADOR.

Uma fortuna como a sua, não?

LEANDRO.

É verdade, porém em melhores auspicios; duas paginas de um livro verde!

COMMENDADOR, *como se uma mola o tocasse.*

Ah!

LEANDRO.

Trahio-se, Commendador!

COMMENDADOR, *contrafeito.*

Quem eu? Que tenho eu com o livro do seu amigo?

LEANDRO.

Tem tudo, porque esse livro compromette-o, e a sua assignatura é muito conhecida.

COMMENDADOR.

Foi queimado !

LEANDRO.

Oh ! lá ! Já sabe que foi queimado e não tem nada de commum com elle !..

COMMENDADOR, *a parte.*

Trahi-me. (*Alto*). Pois bem, senhor. É mais dinheiro que quer ? Eu multiplico-lhe a somma, ha pouco ajustada.

LEANDRO.

Logo com essa...

COMMENDADOR.

Eu não confesso nada. Digo somente que o senhor quer mercadejar com essa pagina infame em que a minha firma, provavelmente imitada, serve de jogo miseravel para comprometter a minha honra.

LEANDRO.

Dou-lhe a minha palavra de honra, se é que a tenho depois de V. Exc., que a firma é do seu proprio punho datada de 1848.

COMMENDADOR.

Pois bem; o que exige ?

LEANDRO.

A mão de sua filha para o meu amigo Eduardo. Elle está a espera dessa última decisão. Não quer acreditar no seu crime, só para se lembrar do Barão, á quem mais tarde reserva a sua vingança.

COMMENDADOR.

Nunca, senhor, nunca !

LEANDRO, *mettendo a mão no bolso do peito da sobrecasaca.*

Já vejo, Commendador, que é preciso ameaçal-o.

COMMENDADOR, *mettendo a mão na gaveta da secretária.*

Ameaça-me !

LEANDRO, *conservando sempre a mão até o fim da falla*

Não com armas, porque não sou assassino, mas com este pedaço de papel. (*Tira do bolso uma pagina de papel verde claro do tamanho de um quarto*). Conhece ?

COMMENDADOR, *apontando-lhe uma pistola que tira da gaveta.*

Muito ! Entrega-m'o senão mato-te !..

LEANDRO.

Que é isto ? Quer assassinar-me, Commendador ?  
(*Sobe para a D. e o Commendador passa a E.*)

COMMENDADOR.

Ah ! já tremes, miseravel ! Dá-me este papel, se não queres que eu te faça saltar os miolos ! . .

LEANDRO, que a este tempo está quasi junto á meza e ta-se para o meio da scena faz uma bola de papel e joga-a sobre a secretária. O Commendador precipita-se sobre ella com uma gargalhada de triumpho estendendo o braço esquerdo e conservando o direito estendido com a pistola engatilhada ainda. Leandro no momento em que se encaminha para a meza salta-lhe em cima segurando-o, tomando-lhe a pistola antes do Commendador. Pegar á secretária.

Esqueceu-se de que eu fui pelotiqueiro, Commendador ?

COMMENDADOR.

Miseravel !

LEANDRO, aponta-lhe a pistola e fazendo curvar-se.

Sim, sou miseravel para castigar tuas infamias e os miseraveis como tu. Ajoelha-te e rece-be o meu castigo como o castigo do céu !

COMMENDADOR, cahindo de joelhos.

Tenha compaixão de um desgraçado !

LEANDRO.

Eis aqui como se acabam as insolências, os orgulhos de um titular! Quem o faz curvar—é a superioridade da força ou o peso da consciência?

COMMENDADOR.

O peso dos remorsos e os brados da razão.

LEANDRO.

Então erga-se, que para os arrependidos existe um Deus que perdôa.

BELMIRO, dentro.

Commendador! Commendador! (*Leandro sobe depois de tomar a chave ao Commendador*).

SCENA 9.<sup>a</sup>

OS MESMOS e BELMIRO, muito espantado.

LEANDRO.

Que é?

BELMIRO.

Commendador, sua filha fugio, acabam de me dar esta noticia quando eu já estava perto do escriptorio do Barão.

COMMENDADOR.

Que diz? Perdida a minha filha!.

BELMIRO, *dando-lhe uma carta.*

Aqui tem uma carta que l'ha manda um sujeito que sahio do escriptorio do Barão, o mesmo que me deu a noticia. É celebre ! o tal amigo conhecia-me, e eu não o conhecia. Ha de ser talv. algum. . . (*Belmiro afasta-se com o grito que o Commendador solta*).

COMMENDADOR, *que tem lido a carta.*

Ah ! (*Deixando-se cahir*). O senhor comprehende a dor de um pai, ainda por mais infame que este seja !..

LEANDRO, *curvando-se.*

Comprehendo e respeito. (*O Commendador sahe*).

BELMIRO, *que tambem tem lido a carta solta um grito, cahe no sofá e depois levanta-se corado.*

Ah ! corramos a salvar minha avó !.. (*Sahe*).

LEANDRO, *apanha a carta e lê.*

«Acabo de saber que Maria fugio de sua casa e não  
«se sabe para onde. Isso é um escandalo que a nossa  
«sociedade condemna. Veja se consegue salval-a das  
«garras desse miseravel pintor, porque tudo está  
«prompto e hoje mesmo caso, sem a menor dtivida.  
«Agradeça sua filha ter sahido de sua casa, á senhora  
«D. Julia e á senhora D. Carlota, que apesar de velha  
«não se dá ao respeito. Primeiro está a nossa honra.  
«Salve-se ella, embora perca-se tudo. Teu amigo, Biri-  
«bá». (*Guarda a carta e toma de cima da meza o pa-*

*pel verde e guarda-o tambem).* É para rir ver-se um ladrão fallar em honra. São muito espirituosos esses homens !..

SCENA 10.<sup>a</sup>

LEANDRO, EDUARDO e depois JULIA.

EDUARDO, *entrando muito pallido.*

Acabo de vér salir o Commendador muito pallido e agitado. O que lhe disseste ?

LEANDRO.

Nada.

EDUARDO.

Foste declarar-lhe tudo, não ? Quando te pedi que nada fallasses á cerca do passado, era porque não queria de maneira nenhuma que esse homem soubesse que por um meio indigno, eu o forçava a dar-me sua filha.

LEANDRO.

Mas para que me argues assim ? Descança, não foi esta a causa d'aquella pallidez, foi...

EDUARDO.

Então qual ?

LEANDRO.

Maria fugio, e acabam de dar esta noticia ao Commendador.

EDUARDO.

Maria ! Oh ! meu Deus ! Está tudo perdido ! É sobre mim que recahirão todas as suspeitas. É preciso evitar. Saiamos !

LEANDRO.

Para que ?

EDUARDO.

Para procurar Maria, para restituil-a a seu pai, e afastar-me depois desta terra.

LEANDRO.

E contribuirás assim para a sua morte que de certo acontecerá, porque Maria quando deu este passo naturalmente foi por que" livrar-se de uma perseguição maior.

EDUARDO.

Não comprehendo.

LEANDRO.

Maria casava-se hoje com o Barão.

EDUARDO.

Que dizes !

LEANDRO, *dando-lhe a carta.*

Lê e verás.

EDUARDO, *depois de lêr.*

É verdade, que miseraveis !..

LEANDRO.

Achas então que deves abandonar o teu posto ainda ?

EDUARDO.

Não... agora morrer até se fôr possível para salva-la !

JULIA, *entrando*.

Muito bem.

AMBOS.

D. Julia.

JULIA.

Venham commigo, temos muito que fazer. O Barão foi avisado por mim e o mesmo portador foi quem veio aqui dar a noticia, não ?

LEANDRO.

Com uma carta do Barão.

EDUARDO.

Eil-a.

JULIA.

Pois bem. O Barão esta noite vai a nossa casa, portanto não nos demoremos; quanto mais cedo melhor. Por esta carta vejo que elles projectam um outro plano para esta mesma noite. É preciso destruir tudo hoje. Por emquanto vamos tirar da policia o neto de

D. Carlota, que foi preso por dividas. Coitada ! para lá foi tão zangada que fazia pena.

EDUARDO.

E são muitas as dividas ?

JULIA.

Não, trezentos mil reis somente.

LEANDRO.

Então partamos. Ah ! é verdade. E o Commendador ?

JULIA.

Se foi ao meu collegio, a esta hora já está com sua filha.

LEANDRO, *a Eduardo.*

É chegado o momento de vingares teu pai.

EDUARDO.

Sim, partamos ! (*Sahem todos.*)

*Take o panno.*

## ACTO 5.º

Gabinete de medico com estantes de livros e instrumentos cirurgicos. Um arario envidraçado deixa ver um esqueleto humano. Sofá. mezas, cadeiras & &. É noite, um castiçal com uma vela accesa está em cima de uma das mezas. Um candieiro está tambem acceso e alumia a scena. São sete horas da noite.

### SCENA 1.ª

DR. ISMAEL, em pé espera uma resposta do Commendador, que está triste e acabrunhado, sentado n'uma cadeira.

DOUTOR.

Então o que decide V. Exc.? (*Pausa*). Reflectio bastante em tudo que acabo de dizer?

COMMENDADOR.

Reflecti.

DOUTOR.

E o que conclue?

COMMENDADOR.

Que sou um desgraçado.

DOUTOR.

Aqui, Sr. Commendador, ha dois extremos a escolher: ou ver sua filha perdida porque a sacrifica a

isso, ou vel-a salva de todo o perigo com o seu consentimento. As mulheres tem duas resoluções: ou morrem com a perdição que o desespero lhes proporciona, ou cedem como condemnadas ao capricho fero que se lhes impõe. O amor de pai fica, porque o coração de uma filha sempre perdôa; mas o amor de esposa... esse, nunca mais apparece, porque não o consente a lembrança d'aquelle que foi o primeiro e unico amor. Ha ainda o dever. E por ventura o comprehendem todas ?

COMMENDADOR.

Ah ! doutor, sei que é amigo de minha filha, e que o seu maior empenho é salvá-la para vê-la feliz. Pois bem, não luctarei mais. Venceo-me o destino, devo ceder. O meu futuro eu já o antevejo, agora só me resta concluir que...

DOCTOR.

Que uma vez dado o ultimo passo, só temos um recurso—pararmos nelle.

COMMENDADOR.

Sim, o Dr. tem mais illustração, tem mais conhecimento do dever, da dignidade e da honra do que eu; portanto resolva só. Nada mais direi. *(Fica abatido)*.

DOCTOR.

Logo, consente que eu...

COMMENDADOR.

Seja o medianeiro neste negocio, concilie-me com

minha filha; diga-lhe que eu não posso mais vê-la sofrer.

DOCTOR. *apertando-lhe a mão.*

Obrigado, meu amigo, obrigado.

COMMENDADOR.

De quê? A ambição cegou-me, estou velho e nada mais me resta senão a expiação de minhas culpas. Conservou-me Deus até hoje a existencia sempre atribulada de remorsos; não deverei augmental-os mais. Houve um homem que appareceu-me com o satanaz, mostrando-me todas essas seducções que embriagão os ambiciosos! Vi o ouro, allucinei-me! (*Ergue-se*). Vi-o crescer, crescer... e todos os dias crescer com elle as honrarias, as considerações, a importancia social! Deixei-me levar zombando de tudo... dos homens, da justiça de Deus!... de Deus, meu amigo, porque parecia-me que elle não existia para mim. Sujitei tudo á caprichosa vontade de um homem. Curvava-me a tudo que elle queria como um escravo que teme o latego de seu senhor! Quiz até immolar n'um sacrificio infame minha pobre filha que só tem lágrimas para mim, quando contrariei a escolha de sua alma. Ah! meu amigo, sou muito desgraçado!... (*Cabe no sofá soluçando e cobrindo o rosto com as mãos. O Dr. retira-se fazendo um signal para a D. A., Maria apparece e vai ajoelhar-se aos pés do pai. Momento de silencio. O Commendador estremece, olhá-a e fica commovido.*)

SCENA 2.<sup>a</sup>

MARIA e o COMMENDADOR.

MARIA.

Meu pai !

COMMENDADOR.

Maria !

MARIA.

Meu pai, perdoa-me.

COMMENDADOR.

Sou eu quem devo pedir perdão.

MARIA.

Oh ! não, o que meu pai fez nada vale para o coração de sua filha. Enganava-se, suppondo dar-me maior felicidade... Errou. E por ventura somos infallíveis ?

COMMENDADOR, *erguendo-se e erguendo Maria.*

Martyr e generosa ! Os meus crimes pedem grande expiação; quiz Deus que fosse agora. Quiz Deus que eu pudesse morrer tranquillo, porque salvou-me a tempo de me rehabilitar. Quiz Deus finalmente que um anjo me absolvesse ! Esse anjo és tú, minha filha, á quem uma força estranha me obriga a curvar exclamando:—Perdão, minha filha ! Perdão. (*Cabe de joelhos com as mãos erguidas.*)

MARIA.

Ah ! meu pai ! meu querido pai ! *(Ajoelha-se tam-  
bem e permanecem assim abraçados até que Eduardo  
ergue-os. O Commendador beija repetidas vezes a Ma-  
ria).*

SCENA 3.<sup>a</sup>

OS MESMOS, LEANDRO e EDUARDO.

LEANDRO.

Eis ahí um anjo que salva ! Existem muitos que  
perdem. Eis alli uma conquista de mais para Deus, e  
uma de menos para o diabo.

EDUARDO, *descendo entre elles mas sem separal-os.*

Minha senhora ! Sr. Commendador ! *(O Commen-  
dador e Maria abafam um suspiro).* Chegará a tempo  
de conceder tambem perdão o filho de Sabino Ri-  
vera ?

COMMENDADOR.

Chega muito á tempo. Eis-me aqui. Se acha que o  
mereço, perdoe. Eu poderei então levantar-me sem pe-  
so algum que me opprima a consciencia.

EDUARDO.

Nesse caso levante-se, porque o perdão deste anjo,  
foi o meu perdão. *(Ergue-os a ambos, tira da algi-  
beira uma pagina verde machucada e entrega-a ao*

*Commendador*). Queime este papel, Sr. Commendador, que não fique uma só migalha sobre a terra.

COMMENDADOR, *queimando-o n'uma vela que está sobre a meza. (Á part)*.

É a ultima provação.

LEÁNDRO, *à parte vendo queimar-se a pagina verde.*

O fogo tudo purifica ! *(Ao Commendador, alto)*. Quer apertar-me a mão ?

COMMENDADOR, *aperta-lhe a mão com grande contentamento.*

Ah ! meu amigo, *(Para Eduardo)*. Meu filho !

EDUARDO, *compungido.*

Ah ! quanto me é grato ouvil-o dar-me este nome. *(Enxuga uma lagrima)*. Sr. Commendador, se ha mais tempo nos quizesse ouvir, não soffreria tanto.

COMMENDADOR.

Mas, se assim foi melhor, se estas lagrimas me fazem bem. Não poderei agora mais do que nunca erguer a minha frente ?

EDUARDO.

Póde sim. O homem que rehabilita-se vale por dez homens puros de todo o vicio. O homem que conheceu o crime e que arrepende-se, é cem vezes mais digno do que aquelle que o ignora. . . porque não po-

demos saber, se uma vez culpado, vencerá ou será vencido pelo crime.

MARIA.

Obrigada, Eduardo, obrigada. Meu coração não mentia quando dizia-me que éras dotado de uma nobreza d'alma não vulgar.

LEANDRO.

Resta-me uma gloria !

COMMENDADOR.

Qual ?

LEANDRO.

Se não fosse eu, não o conhecia bem.

COMMENDADOR, *apertando-lhe a mão.*

Tem razão. É o senhor, a quem devo toda a minha felicidade, o senhor que mais de uma vez salvou a honra de uma mulher. Ha quatro annos eu...

LEANDRO.

Nem uma palavra a este respeito. (*Para Maria que conversa com Eduardo*). Lembrem-se que ha uma pessoa que anciosa, espera os seus agradecimentos.

EDUARDO.

É verdade, D. Julia.

COMMENDADOR.

Ella? (*Com intenção*).

LEANDRO.

Ella.

MARIA.

Vamos, meu pae, vamos agradecer á nossa bemfeitora. (*Sahem os tres*).

CENA 4.<sup>a</sup>

LEANDRO depois JULIA,

LEANDRO, só.

Todos felizes e eu ainda como ha quatro annos, pe-  
lotiqueno sempre ! O Commendador tem razão, salva  
uma virgem, como já havia salvado outra da calumnia  
a mais atroz, e que tanto nodou a honra dessa mu-  
lher que ainda hoje adoro. E entretanto ella não sabe, e  
nem saberá talvez. Ter-lhe-hiam dito a verdade ? Não  
é possível: o Barão e o Commendador não irião assim  
denunciarem-se como principaes *agentes* dessa infame  
intriga que desmanchei. Todos acreditavão que ella  
me amava e todavia eu era repellido com a ponta  
do pé. Amar assim, é horrivel ! Ora vamos, Leandro,  
arroja-te nesse estreito, luta nas ondas do indifferen-  
tismo; mas falla, falla a tua Hero embora socumbas  
depois nas vagas do esquecimento ! Não deve quem  
falla ás turbas titubear em presença de uma mulher

como um calouro em exame. Vamos, Leandro, imagina-te em frente do Barão ! (*Reparandô*). Eil-a...

JULIA, *muito alegre e vestida o mais simples possível.*

Ah ! estava aqui só ? Applaudio melhor do que eu a festa do coração.

LEANDRO.

Como applaudir quem traz o coração em luto ?

JULIA.

Em luto o seu coração, e porque ?

LEANDRO.

Por ventura pôde viver feliz quem promove a felicidade dos outros sem promover a sua própria ?

JULIA.

E porque não !..

LEANDRO.

Desejava que me explicasse.

JULIA.

É muito facil. (*Sentão-se*). Se nós por exemplo, que promovemos a felicidade de Maria e Eduardo, não temos quem se encarregue da nossa, é porque não precisamos d'ella. Ou por outra, porque não estamos no mesmo caso. Nada nos consome, nada nos occupa o espirito senão o futuro. Não é verdade ?..

LEANDRO, *tristemente.*

É verdade.

JULIA.

E entretanto pertence a Deus. O passado, esqueçamo-nos d'elle. Quanto ao presente, sejamos alegres, pois elle nos é lisongeiro. Eu considero-me feliz, o Sr. tambem, apezar de trazer em luto seu coração.

LEANDRO.

Então não admitte que a par de uma alegria, possa haver um sentimento triste ?

JULIA.

Pelo contrario, admitto. Sómente acho fóra de proposito ter estes pensamentos hoje, dia todo consagrado ás alegrias. Guarde-os para amanhã, e se quiser confiar as suas magoas a alguém, offereço-me eu, para sua fiel confidente.

LEANDRO.

Amanhã será tarde, porque vou partir hoje.

JULIA.

Para onde ?

LEANDRO.

Não sei.

JULIA.

Mas porque esta resolução ?

LEANDRO.

A senhora pôde com um pouco de esforço advinhar a causa.

JULIA, *estremecendo e levantando-se.*

Eu !...

LEANDRO.

A senhora sim. Lembra-se de mim ha quatro annos ?

JULIA.

Tem razão. Foi o senhor quem me defendeu n'uma occasião em que a minha reputação foi julgada por todos como de uma mulher culpada, quando eu me sacrificava por uma amiga, a quem, como o senhor bem sabe, o marido poderia matar. Perigou a minha honra, é certo, porém mais tarde a verdade appareceu e sahi triumphante.

LEANDRO.

Então...

JULIA.

Um novo escandalo se deu, e um divorcio entre os dois provou a minha innocencia por uma carta de ambos que remetterão a meu irmão. Soube então quem forão os que me accusarão, assim como os que me defenderão. Entre estes figurava o seu nome; portanto é chegada a occasião de fazer-lhe o meu voto de

maior agradecimento. (*Estende a mão a Leandro, que a aperta com frieza*).

LEANDRO, *depois de longo silencio em que parece reflectir diz á parte.*

Perdi o ultimo alento de coragem. (*Alto*). D. Julia, vejo que é chegado o momento de partir. Como não me pertence o desfecho deste negocio e sim a Eduardo, como pouco me resta a fazer aqui, quero terminar a minha missão com o ultimo dos meus deveres.

JULIA.

O que quer dizer ?

LEANDRO.

Deve estar lembrada que ha quinze dias empraieia para mais tarde fazer-lhe uma restituição. É chegado pois o momento de me pronunciar. (*Emquanto vae fallando tira do relógio a medalha que traz pendurada*). Ha quatro annos, justamente quando V. Exc. era victima de calumnias infames, um homem chegou a amal-a tanto quanto V. Exc. era accusada. Esse homem repellido, depois que ousou dizer o que o seu coração sentia, subtrahio á mulher que o desprezava uma medalha com o seu retrato. (*Apresentando-a a Julia*). Eil-a, minha senhora. Receba este talisman, que contra a sua vontade, trouxe-o sempre comigo. Receba este penhor sagrado, pois foi V. Exc. o anjo milagroso que protegeo-me no meio dos perigos por que passei, nos combates em que tomei parte.

JULIA, *à parte.*

Será possível !

LEANDRO.

Muitas vezes extático, mudo, ouvindo a orchestra horrivel das balas que sibilavam por sobre a minha cabeça. Contemplando este rosto sereno e meigo, que parecia sorrir-me, zombava dos perigos e me lançava na lucta com denodo digno de inveja ! Receba, por minha senhora, a minha alegria, a minha esperança, o meu coração, tudo, tudo, que ahi vae preso n'essa vénera sagrada ! E uma vez que, só com a gratidão, V. Exc., sem comprehender-me, julga-me remunerado e contente, satisfaço-me com isso, e saudoso deixo-lhe n'um adeus de... amigo... (*Curva-se, vae a sair, Julia o detem*).

JULIA.

Espere. Se a expressão da amizade que lhe consagro pôde ter outra significação... interprete-a como quiser. Esta medalha não é minha, roubou-m'a o acaso para ser sua. (*Dando-lhe a medalha*). Guarde-a de novo; dá-lh'a agora o coração. (*Leandro recebe e beija-a com transporte*). Se no meio dos perigos por que passou foi o meu retrato o seu anjo da guarda; o que poderia ficar sendo para mim o homem que, além de salvar a minha reputação, tinha-me dito que me amava ? O que me restaria agora se não fosse a esperança desse amor que desprezei, por isso mesmo que o aceitava.

LEANDRO.

Oh ! meus Deus, é pois verdade ?

JULIA.

Quer ouvir-o dos meus lábios ?

LEANDRO, *cãhindo-lhe aos pés.*

Quero.

JULIA, *tomando-lhe as mãos.*

Pois bem, Leandro, amo-te, sou tua. Já o era desde que te fiz soffrer. Se minha bocca mentio, insultando-te, o meu coração abriu-se inteiro para ti.

LEANDRO, *beijando-lhe as mãos.*

Julia, se existe no mundo uma suprema ventura deve ser como esta que tu me dás.

JULIA, *erguendo-o.*

Ahi não. O seu lugar é junto ao meu coração.

LEANDRO, *abraçando-a.*

Ah ! Julia ! Julia ! Como sou feliz !

SCENA 5.<sup>a</sup>

OS MESMOS, D. CARLOTA e BELMIRO.

D. CARLOTA, *dentro.*Entre. . . entre sô bandalho ! (*Entrando e trazem-*

do Belmiro por uma orelha). Venha agradecer a sua  
 hemfeitora !..

BELMIRO.

Vóvó, não me envergonhe !

JULIA.

Deixe-o, D. Carlota !

D. CARLOTA.

Não ! Hade ajoelhar-se a seus pés para lhe agrade-  
 cer, porque se não fosse você, minha Jadinha, este ca-  
 chorro dormia na policia. *(Durante esta falla tem sem-  
 pre luctado até que Belmiro, á palavra cadeia, finge que  
 ajoelha e escapole-se para a E. A).*

BELMIRO.

Vóvó não me envergonhe !

D. CARLOTA, querendo seguir-

Espera ! espera que já te ensino !

LEANDRO.

Deixe-o, não vale a pena zangar-se.

JULIA.

Socegue, D. Carlota

LEANDRO.

Tambem para que hade o senhor dar desgostos á

sua vóvó ? porque não lhe pede dinheiro quando precisa ?

BELMIRO.

Porque nunca m'ò dá.

D. CARLOTA.

Cala-te, cousa *ruim*.

JULIA.

Então não lhe dá dinheiro quando precisa ?

D. CARLOTA.

E faço muito bem ! Sabem onde o patife ia gastar tudo aquillo ? No malvado Alcazar ! (*Leandro e Julia riem-se e Belmiro tambem, mas escondendo o rosto entre as mãos*). Eu se fosse chefe de policia acabava com aquella bandalheira !

JULIA.

Essa é boa, que tem o Alcazar com a loucura dos que ali vão gastar rios de dinheir ?

D. CARLOTA.

Tem muito, porque, se ali se representasse como nos outros theatros, estes meus senhores não teriam tanto que ver para se deixarem levar até a corrupção.

BELMIRO.

Vóvó, não me envergonhe !

D. CARLOTA.

O que foi que eu vi ali quando um dia o Commen-  
dador nos levou ?

JULIA.

Era *soiré* particular ?

D. CARLOTA.

Era. Mas o que valeu isso ?

LEANDRO.

Então o que foi que V. Exc. vio ?

D. CARLOTA.

Vi o diabo ! vi cousas do arco da velha, que me  
obrigarão a tapar o rosto umas poucas de vezes, e aqui  
este tratante, de binoculo assestado, muito attento,  
sem o menor respeito a sua avó.

JULIA.

Está bem, D. Carlota, perdoe-lhe tudo isto; porque  
estou certa que o Sr. Belmiro nunca mais se hade en-  
dividar.

BELMIRO.

Vovó dando-me dinheiro quando eu pedir... juro  
que não farei mais dividas.

LEANDRO.

D. Carlota, marque-lhe uma pensão.

D. CARLOTA.

Se eu pudesse, arranjava isso com o governo, que actualmente tem dado muitas.

BELMIRO, *desconsolado*.

Estão ouvindo ?

D. CARLOTA.

Quando principiou a guerra marquei-lhe uma de vinte mil reis por mez, só para não ser voluntario.

LEANDRO.

Deste tamanho e com a sua idade não ia lá...

D. CARLOTA.

Ora se ia... Se até houve de pau e corda, quanto mais...

JULIA.

Mas em conclusão, marca-lhe a mesada ?

D. CARLOTA.

O que me pedirás tu, que eu não faça, minha Juli-  
nha ?

BELMIRO.

E quanto me vai dar ?

D. CARLOTA.

Trataremos disso logo, quando me prometter entrar para o seminario.

LEANDRO.

Quer fazel-o padre ?

D. CARLOTA, *baixo.*

É para o que elle está magnifico. E ha de ser lazarista.

LEANDRO.

Com as suas tendencias não podia empregal-o melhor.

D. CARLOTA, *mudando de tom.*

Gentes, como vamos de Commendador ?

JULIA.

Já está bem com Maria.

D. CARLOTA.

E ella ?

JULIA.

Fez as pazes com seu pai.

D. CARLOTA, *batendo palmas.*

Bravos ! Então o meu S. Benedicto fez o milagre ?

LEANDRO.

Fez alguma promessa a S. Benedicto ?

D. CARLOTA.

Fiz, e elle nunca me falta, como vê.

JULIA.

E qual foi a promessa ?

D. CARLOTA.

Que se fizesse com que Mariquinhas cazasse com o Barão, teria um resplendor e novo e missa cantada no dia do seu nome.

JULIA, *rindo*.

Pois não foi isso que aconteceu.

LEANDRO, *rindo*.

Eu pedi a Santo Antonio para me fazer o contrario e elle assim fez.

D. CARLOTA.

Ah ! eu logo vi ! Se não fosse isso, S. Benedicto não me deixava ficar mal. Então é o tal menino sempre que...

JULIA.

É.

D. CARLOTA.

Foi melhor, foi melhor assim. O Barão já está muito velho e eu não podia fazer despezas este anno. Vamos, Belmiro. (*Sahem para E. A.*)

LEANDRO.

Mais dois entes que te abençoão, minha Julia. Dê-te-me a felicidade, portanto, de nada mais me deve-

rei lembrar senão do nosso risinho futuro. De tudo me esquecerei só para pensar em ti. (*Beijando-lhe a mão*).

JULIA.

Esqueça-se de tudo, porém lembre-se de quem mais me ultrajou... Do Barão de Biribá!

LEANDRO.

Tem razão, não me esquecerei.

SCENA 6.<sup>a</sup>

OS MESMOS, BARÃO e DOUTOR ISMAEL.

BARÃO, *entrando*.

Pois é isso mesmo, meu Doutor, não sei mais onde heide pendural-as. São tantas!..

JULIA.

Mais alguma novidade, Barão?

BARÃO.

Depois de tantos acontecimentos que nos incommodarão esta manhã, trago boas novas para a noite. É verdade, minha senhora, uma commenda para mim, e outra para seu irmão, ambas da Conceição, conduzidas pelo vapor inglez.

JULIA.

Não dou parabens a meu irmão, porque sei que não

aceita. Admiro como se condecora no Brazil um homem que nunca legou serviços a Portugal. Agora ao senhor Barão faço-lhe os meus cumprimentos e felicito-o por tão merecida graça.

LEANDRO.

E alto merecimento.

BARÃO, *apertando a mão a D. Julia e olhando de re-  
vez para Leandro.*

Obrigado.

DOCTOR.

Disseste bem, minha irmã: não fiz serviços não aceito ofertas. Pensam os meus desafeiçoados que o brilho de algumas pedras sobre o peito me seduzem? Como se enganam.

LEANDRO.

Muito principalmente quando se nivelam todos por uma só bitola, isto é, quando não se distingue o virtuoso do infame. Eis a razão porque até hoje não tenho collocado na minha casaca, que reputo limpa, a fita com que fui agraciado na batalha de vinte e quatro de maio.

JULIA, *á parte.*

Muito bem.

BARÃO.

Nem tudo é para todos, assim como . . .

LEANDRO.

Não acabe. É por essa mesma razão que não queremos confundir-nos com o senhor Barão de Biribá. *(Faz-lhe uma cortezia ironica).*

BARÃO.

Senhor magico !

DOUTOR.

Que é isto, Barão !

LEANDRO, *rindo.*

São os effeitos da Encyclopedia do riso e da galhofa !..

BARÃO.

Doutor, eu estou sendo insultado em sua casa.

DOUTOR, *sahindo.*

Ora não faça caso.

BARÃO,

Foi para encontrar esta gente aqui, que V. Exc. convidou-me, Sra. D. Julia ?

JULIA, *sahindo tambem.*

Então para que mais havia de ser. *(Sahe rindo, o Doutor e Julia fecham as portas).*

BARÃO, *para Leandro que se ri.*

De que se ri ?

LEANDRO, *sentando-se.*

De um homem que hoje é alguma cousa na sociedade, e que no entanto se lhe descobrissem o passado...

BARÃO.

Quem é esse homem ?

LEANDRO.

É um titular que não cessa de suppor que está ao abrigo de seu titulo, para commetter as maiores infamias. Por exemplo: Roubar o estado, seduzir a donzella, negar a esmola á viuva, detrahir da honra de uma senhora respeitavel, e muitas outras cousas que será ocioso lembrar a V. Exc.

BARÃO, *avanzando para Leandro com os punhos cerrados.*

Senhor pelotiqueiro ?

LEANDRO, *erguendo-se e comprimentando-o.*

Senhor João Fagundes !..

BARÃO, *recuando.*

Heim ?

LEANDRO, *continuando.*

Antigo magarefe em S. Christovão !

BARÃO.

Senhor !

LEANDRO.

Onde em 1840 se deu um assassinato e com elle a grande intimidade de alguem que vio o crime. Finalmente, o seu conhecimento com Sabino Rivera, assim como a sua rapida fortuna.

BARÃO, *á parte.*

Sabe tudo ! mas não esmoreco. *(Alto).* So me dão com a fortuna !... trezentos contos. Já fortuna para um Barão !

LEANDRO.

Agora. Porque a quebra de alguns banqueiros arruinou-o... não completamente... A moeda falsa salvou o resto.

BARÃO.

Senhor !... senhor !...

LEANDRO, *sempre entado.*

Muito bem. É assim assanhado que quero vel-o. Sou como o Guarany, gosto de matar a onça depois de irritada.

BARÃO, *erguendo a voz.*

Ah ! o senhor quer matar-me ?

LEANDRO.

Póde gritar a seu gosto, certo de que o estão ouvindo, mas não virão aqui sem eu chamar.

BARÃO.

Então é uma traição ? (*Vae as portas e encontra-as fechadas*).

LEANDRO.

Não é traição, é uma punição.

BARÃO, *á parte.*

A noticia da commenda fez-me esquecer o revolver.

LEANDRO.

Nunca vió fallar das antigas torturas inquisitoriaes ?

BARÃO.

Não, senhor.

LEANDRO.

Tem razão, eu não me lembrava que o senhor não se occupa com cousas sérias. Queira perdoar, o senhor pertence ao numero dos homens do positivo. É a ignorancia que os alimenta.

BARÃO, *á parte.*

Ora que a liberdade chegue até para um Barão sofrer insultos d'um saltimbanco ? . . .

LEANDRO, *levantando-se.*

Quem rouba pouco é ladrão... Creio que sabe o resto.

BARÃO, *á parte; olhando os armarios.*

Se achasse por aqui um ferro do Doutor...

LEANDRO.

Vou contar-lhe uma historia.

BARÃO.

Desculpe-me, não tenho vontade de dormir.

LEANDRO.

Queira sentar-se.

BARÃO.

Estou bem.

LEANDRO, *imperiosamente,*

Sente-se, já lhe disse.

BARÃO, *á parte sentando-se.*

Se tivesse aqui o meu revolver, eu te mostraria para quanto presto !

LEANDRO.

O senhor sabe que está aqui, está na sepultura ?

BARÃO, apontando para o esquelito que está á sua esquerda.

Bastar ser acella visinhança, e estar n'um gabinete de meditação para não ir mais longe.

LEANDRO, rindo-se.

Ache a graça agora !

BARÃO.

É para ver. Venha a historia, mas não se estenda muito.

LEANDRO.

Onça. Em 1865 sahi desta cidade com destino ao rio da Prata, depois de travar relações com V. Exc. e o Commendador, q. nessa occasião me animava a ir procurar fortuna, ensinando-me os meios mais faciles dos quaes não precisei fazermente. A vida de magico, como V. Exc. el. a, levou-me ao exercito brasileiro então no Passo da Patria, para ver se lá ganhava algum dinheiro pela minha arte. Com effeito, fui feliz. Ahi relatei-me com um homem que commerciava e na barraca do qual ia eu comer. Ficamos desde logo amigos e mais tarde socios no mesmo negocio, em que ganhámos muito dinheiro. Pois bem, quer saber quem era este homem ?

BARÃO,

Sabino Rivera não ?

LEANDRO.

Justamente.

BARÃO.

Eu logo vi. Pois neste caso poupe-me o resto da sua historia... por que já a advinho. O que é uma asneira da sua parte, se julga pôr esse meio illudir-me, a fim de me apanhar dinheiro.

LEANDRO.

Então suppõe que eu...

BARÃO.

Ora ! Ora ! Eu sou muito fino !.. Desde que o senhor chegou com as suas historias... que eu disse logo com os meus botões:—Este menino o que quer é dinheiro.—: Tenha paciencia, irmão, vá bater a outra porta. Custou-me muito a rehavê-lo.

LEANDRO.

O senhor é muito parvo !

BARÃO, *ironico.*

Acha ?

LEANDRO, *com severidade.*

Acho.

BARÃO, *desapontado por não ter outra sahida.*

Pois eu não acho.

LEANDRO.

Não ia dez minutos que eu quiz desprezar tudo só para me lembrar de minha felicidade. Mas já vejo que é impossível esquecer-me de ti, miserável !..

BARÃO, *erguendo-se.*

Peior ! não mude-me o tratamento.

LEANDRO.

N'essa batalha de vinte e quatro de maio tão fallada pelos feitos sublimes que alli se deram, n'essa batalha singular em que cada soldado valia o primeiro general, pela bravura, pelo denodo, pela bizarria, com que defendia o paizilhão nacional ! Nessa batalha, em que como um phantasma no meio do fumo das metralhas, se desenhava o vulto homérico d'um cavalleiro de antigas lendas ! que, como uma sombra, apparecia ora aqui, ora ali !.. em toda parte, tudo providenciar com a actividade espantosa ! E o ultimo dos brasileiros, pelejei tambem ! Um paraguayo d'aquelles que estavam na retaguarda do exercito o nosso commercio, havia assassinado Sabino Rivera. Depois da gloriosa lucta recolheu os seus ultimos suspiros. Fez-me depositario das suas derradeiras disposições. Qual, porém, não foi a minha admiração, quando a voz desse moribundo pronunciou o seu nome, Sr. Barão ? Se o tivesse visto n'essa occasião solemne, se lhe tivesse ouvido a phrase cheia de dôr e de odio teria tremido, apesar do seu imperturbavel sangue frio !.. Teria cahido a seus pés, pedindo perdão, sa-

sendo o legado que por mim transmiltia á seu filho. Como elle veio a saber que existia Eduardo não m'o disse e' não procurei indagar. Sabe agora o que tenho aqui para mostrar-lhe ?

BARÃO.

O seu retrato não ? Posso vel-o sem pestanejar.

LEANDRO, *calmo e ironico.*

Não é isso não. *(Fitando-o por algum tempo).* Parece que já o vejo cahir fulminado.

BARÃO, *rindo.*

Como se engana ! O senhor não sabe que alma está aqui.

LEANDRO.

Pois vamos ver. Conhece o livro verde ?

BARÃO, *dando um pulo na cadeira.*

É mentira ! Não pôde ser.

LEANDRO.

Então que lhe disse eu ?

BARÃO, *com fugida energia.*

É uma mentira, repito.

LEANDRO.

Mas mentira o quê ? A sua propria firma está lá.

BARÃO.

Falsificada por um miseravel.

LEANDRO.

Assignada por um individuo mais miseravel ainda pelo Sr. Barão. Sabe onde esta esse livro?

BARÃO.

Não.

LEANDRO,

Em meu poder.

BARÃO, furioso.

Mentes ! mentes, desgraçado ! o livro foi queimado.

LEANDRO, dá uma gargalhada.

Como sabe isso ? Logo conhece-o ?

BARÃO, cahindo em si.

Ah . estou perdido ! (Alto). Oh ! mas é mentira, o senhor não póde provar !

LEANDRO, abrindo uma das portas, da qual tem tirado a chave.

Venham meus senhores ! (Entram todos por diversas portas).

SCENA 7.<sup>a</sup>

OS MESMOS, EDUARDO, DOUTOR ISMAEL, D. CARLOTA, BELMIRO e JULIA.

LEANDRO.

O Sr. Barão duvida da existencia d'um documento que o hade levar á galé. Falla, Eduardo. És o executor da alta justiça de Deus !

BELMIRO.

Que é isto, vovó ?

D. CARLOTA.

Não é da tua conta.

EDUARDO, *calmo e de braços cruzados diante do Barão.*

Sr. Barão, quiz Deus que meu pai fosse o primeiro a morrer depois de ter fornecido os meios de castigar os seus cúmplices. Aquelle pôde ser perdoado; V. Exc. sel-o-ha ?

BARÃO.

Olhe que não fui eu só.

EDUARDO.

Esqueço-me de todos para lembrar-me só de V. Exc., de V. Exc., a quem minha mãe commigo nos braços, implorou uma esmola, que não foi ouvida, apesar

de tanta lagrima e tamanho soffrer!... Mas tarde quando della se aproximava a morte, em seu leito de dor obtive a mesma graça que Deus concede ás victimas antes de expirar: ponde fallar. Revelou-me tudo excepto a cumplicidade de meu pai nesse crime nefando, donde se conclue que o infeliz Sabino soube guardar um segredo. Minha mãe morreu, pedindo-me sob juramento, nunca revelar esse acontecimento, senão um dia. Esse dia chegou, e só agora fallo.

BARÃO, *á parte.*

É mister sangue frio.

EDUARDO.

Meu pai fugio sem se saber para onde. Minha mãe o ignorou sempre, porque ainda assim meu pai não teve tempo de lhe dizer—vem commigo—. Um braço o vedou de chegar a casa para abraçal-a, e este braço era o do Sr. Barão!... Eis ali o principal motivo d'essa fuga, do nosso abandono e da nossa miseria mais tarde! Querem saber por que este homem, que ali vêem, assim procedeu? *(Todas voltam-se para o Barão)*. Oigam. Minha infeliz mãe, moça ainda, teve a desditosa sorte de ser requestrada pelo Sr. Barão, a quem repilliu como se repelle a lésma, preferindo, coitada, aquelle que mais tarde foi meu pai. A toda a idéa de reabilitação oppunha-se a ella o Sr. Barão com os seus nefandos conselhos, até que tudo conseguiu, deixando-me na orphandade, e sem nome, sem pai, sem pão... *(Eas lagrimas)*. Oh! minha mãe, eu te abençoô, por que

lá no céu onde estás, foste ouvida, permittindo Deus que teu filho pudesse ainda rir-se da miseria dos teus oppressores... E não estares aqui minha mãe... e não rires commigo igualmente. (*Ri e chora*).

BARÃO.

Afinal para que é todo esse aranzel ?

EDUARDO, *depois de pensar*.

Para vingar-me, vingando o paiz inteiro de todos os crimes praticados por aquelle que mais tarde premiou com um titulo. (*Tira uma folha de papel verde como a do segundo acto que Leandro mostrou ao Commendador*). Conhece a sua assignatura, senhor Barão ?

BARÃO, *sem olhar*.

É falsa, o livro foi queimado.

EDUARDO.

Com effeito ! Então o homem habil, que soube illudir a tantos, não podia illudir a um ? Falso foi o livro queimado, como eram falsas as sedulas que elle fabricava para V. Exc.

BARÃO, *olha para o papel que Eduardo mostra, solta um grito e cahe sobre a cadeira*).

Ah ! estou perdido.

EDUARDO.

Até que cahio ! Onde o valor do titulo ? Onde a

nobreza do dinheiro ? Onde está a base que ampara os homens, para que não tropecem no crime ?

JULIA, *apertando-lhe a mão.*

Na indole... na educação... na consciencia limpa, na pureza das accões.

D. CARLOTA.

Cada vez fico mais velha.

BELMIRO.

Quem mais vive mais aprende, vóvó.

BARÃO, *erguendo-se.*

Pois bem, é dinheiro que querem ? Quanto vale o documento ?

LEANDRO.

O que fôr lançado em leilão.

TOL.

Em leilão !

LEANDRO.

*Sim, vai ser arrematado em habitação publica. (Eduardo toma o centro da scena e agita a pagina verde. Leandro tira do bolso uma lettra de cambio estampilhada e toma uma penna. O Barão n'uma convulsão terrivel observa a scena).*

EDUARDO.

Vamos, meus senhores ! Quem compra um documento contra um moedeiro falso !..

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS, COMMENDADOR e MARIA.

COMMENDADOR, *entrando*.

Eu !..

TODOS.

O Commendador !

BARÃO, *á parte vendo Maria*.

Maria ! Estou deshonrado aos seus olhos ! (*Ao Commendador*). Salva-me, meu amigo, salva-me !

EDUARDO.

Eil-a ! quanto dá.

COMMENDADOR.

Duzentos e cincoenta contos de reis.

BARÃO.

É muito.

COMMENDADOR.

É pouco, para salvar-se a honra.

BARÃO.

Oh ! mas é toda minha fortuna.

COMMENDADOR.

Que importa isso; se o salva, Barão, da galé ?

EDUARDO.

Então não decidem ?

COMMENDADOR.

A compra do documento pelo preço offerecido.

EDUARDO.

Eil-o ! (*Entrega-o ao Commendador*).

LEANDRO, *apresentando a lettra ao Barão.*

Assigne primeiro.

BARÃO, *assignando.*

Toda a minha fortuna ! Estou arruinado !

COMMENDADOR.

Rasgue.

DOCTOR.

Eis ali a justiça de Deus.

BARÃO, *que tem rasgado o papel em tirinhas, e depois de um longo suspiro.*

Pobre !... Estou completamente pobre !

COMMENDADOR, *baixo ao Barão.*

Dar-te-hei o dinheiro preciso para viver escondido na tua provincia.

BARÃO.

Não, quero pedir esmolas.

EDUARDO, *batendo-lhe no hombro.*

Levante-se e saia ! Espere pela sua ruina amanhã, quando o desconto daquelle lettra se realizar. Vá para o meio da rua especular com o seu titulo, recebendo os apupos da multidão. Saia ! *(O Barão ergue-se e sahe lançando um olhar de cholera ao Commendador).*

BARÃO, *ameaçando.*

Heide vingar-me !

LEANDRO.

Para lá emprazo-lhe outro documento de crime differente. O de 1840. *(O Barão estremece, olha-o e sahe cabisbaixo).*

MARIA, *apresentando Eduardo.*

Então, meu pai, eu não me enganava.

COMMENDADOR.

Não minha filha, tu e elle trouxeram-me a felicidade.

LEANDRO.

Resta agradecer-me tambem por ter sido eu o intermediario em todo este negocio.

EDUARDO, abraçando-o.

Tens razão !

DOUTOR.

Se o senhor não fosse ao Paraguay...

MARIA, apertando a mão á Eduardo.

Eu não seria tão feliz...

JULIA, o mesmo a Leandro.

Nem eu venturosa.

LEANDRO, beijando-lhe a mão sem reparar no Doutor.

Julia ! Ah ! queira perdoar, Doutor.

DOUTOR.

Eu fecho os olhos, e faço votos pela felicidade de ambos. (*Leandro aperta-lhe a mão*).

BELMIRO.

Ora abi tem, vóvó ! Todos arrançados e eu chuchando no dedo

D. CARLOTA.

Não, meu neto. reservo-te cousa muito melhor.

BELMIRO.

Qual ?

D. CARLOTA.

Tu serás padre, e eu serei encommendada por ti quando morrer.

BELMIRO, *à parte fazendo uma careta.*

Vá esperando.

EDUARDO *para o Doutor, entregando a lettra do Barão.*

Agora, Doutor, o meu ultimo serviço. Seja V. S. como medico, como sacerdote da caridade, quem applique esta quantia em favor da—emancipação da escravatura—em memoria de uma santa, em nome de minha mãe.

DOUTOR, *abraçando-o.*

Muito bem, senhor ! Muito bem ! Prove ao mundo que o artista,—é nobre até vingando-se !... (*Todos vão successivamente apertar-lhe a mão. O panno cahe lentamente.*)

FIM.

Para—Junho de 1871.

76

## ADVERTENCIA.

Apesar do cuidado que empregamos na revisão das provas desta comedia, notam-se alguns erros, devidos a pressa com que correu a impressão. Pedimos ao leitor que nos releve esta falta.